

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**WEBDOCUMENTÁRIO: UMA LINGUAGEM CRIATIVA NA
FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DE COMUNICAÇÃO**

THOR WEGLINSKI

Rio de Janeiro

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**WEBDOCUMENTÁRIO: UMA LINGUAGEM CRIATIVA NA
FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DE COMUNICAÇÃO**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/Jornalismo

THOR WEGLINSKI

Orientadora: Prof^ª Dra. Beatriz Becker

Rio de Janeiro

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Webdocumentário: uma linguagem criativa na formação dos estudantes de comunicação**, elaborada por Thor Weglinski.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../...../

Comissão Examinadora:

Orientadora: Prof^ª Doutora Beatriz Becker

Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Doutor Paulo César Castro

Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Mestre Paulo Pires

Departamento de Comunicação – UFRJ

Rio de Janeiro

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

WEGLINSKI, Thor

Webdocumentário: uma linguagem criativa na formação dos estudantes de comunicação.
Rio de Janeiro, 2014

Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Escola de Comunicação – ECO

Orientadora: Beatriz Becker

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a minha orientadora, professora Beatriz Becker, por toda sua dedicação, atenção e paciência em relação a este trabalho e pela importância que teve em minha formação. Também gostaria de agradecer aos alunos que foram membros do Telejornal Online da Escola de Comunicação da UFRJ (TJ UFRJ) durante meu período como bolsista neste projeto, com os quais, por meio da convivência, aprendi muito e que foram muito importantes para a elaboração desta monografia. Agradeço também à professora Kátia Augusta Maciel, por sua dedicação como coordenadora do TJ UFRJ (cargo que exerce desde dezembro de 2012), e conseqüentemente pela relevância que teve em minha trajetória na ECO-UFRJ. Por último, gostaria de agradecer a minha família por todo o apoio durante o desenvolvimento da pesquisa.

WEGLINSKI, Thor. Webdocumentário: uma linguagem criativa na formação dos estudantes de comunicação. Orientadora: Prof^ª Beatriz Becker. UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo

RESUMO

Os avanços na tecnologia digital e o advento da internet possibilitaram o surgimento de narrativas inovadoras nos meios de comunicação e de novos gêneros e subgêneros dos discursos midiáticos como as narrativas jornalísticas multimídia e os webdocumentários. Estes formatos e conteúdos inventivos são exemplos de transformações nos usos de linguagens e suportes nos veículos midiáticos marcados por uma pluralidade de vozes, pela interatividade, pela diversidade de combinação de códigos audiovisuais e de interconexões entre textos verbais e não verbais e por uma expressiva capacidade de armazenamento de dados. Essas narrativas tendem a não preservar apenas os valores hegemônicos, contribuindo para representações mais democráticas de acontecimentos e fenômenos culturais. Este trabalho consiste em uma análise das principais características do webdocumentário. Propõe uma reflexão crítica sobre a importância do aprendizado dessa linguagem criativa, original e complexa na formação dos alunos de Comunicação, por meio de um estudo empírico do webdocumentário *(Des)Ocupações*, produzido pelo TJ UFRJ (<http://www.tj.ufrj.br/>), laboratório da ECO-UFRJ que participo desde abril de 2012.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO
2. REPRESENTAÇÃO E SIGNIFICAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS JORNALÍSTICOS
 - 2.1 Representação X Realidade
 - 2.2 Repensando os discursos midiáticos
 - 2.3 Os acontecimentos jornalísticos
3. WEBDOCUMENTÁRIO
 - 3.1 Os gêneros do discurso
 - 3.2 Os gêneros híbridos
 - 3.3 Narrativas multimídia
 - 3.3.1 Convergência jornalística
 - 3.3.2 O surgimento das narrativas multimídia
 - 3.3.3 Multimídia, interatividade, hipertextualidade e memória
 - 3.4 Os webdocumentários
4. DESAFIOS DO ENSINO DO JORNALISMO
 - 4.1 Repensando a formação profissional
 - 4.2 A relevância dos laboratórios
 - 4.2.1 Espaço para prática
 - 4.2.2 Integração entre teoria e prática
 - 4.2.3 Interações entre professores e alunos
 - 4.3 TJ UFRJ: um ambiente de referência
5. A PRODUÇÃO DO WEBDOCUMENTÁRIO *(DES)OCUPAÇÕES* E SUA IMPORTÂNCIA PARA A FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES
 - 5.1 Construindo um webdocumentário
 - 5.2 Uma experiência singular de aprendizado
 - 5.3 A recepção dos alunos
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
8. ANEXO

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da tecnologia digital e a consolidação da internet como uma ferramenta de comunicação e de inovação, assim como suas apropriações, propiciaram novos rumos para os conteúdos midiáticos. A contemporaneidade revela linguagens mais inventivas, que estejam em congruência com os usos dessas tecnologias. Neste contexto, as narrativas multimídia jornalísticas se consolidam como um novo gênero dos discursos midiáticos, por reunirem quatro características renovadoras: a multimidialidade, que indica a variedade de códigos (vídeos, textos, áudios, infográficos) utilizados para melhor desenvolver a informação; a interatividade, a qual permite a participação do usuário na narrativa; a hipertextualidade, que revela possibilidades do cidadão criar diferentes percursos de leitura do texto e a memória, a qual permite identificar a capacidade desses conteúdos e formatos armazenarem um grande volume de dados. Inseridos no gênero das narrativas multimídia jornalísticas, os webdocumentários constituem-se como uma linguagem inventiva, porém ainda pouco difundida no Brasil. Imersos nos dinâmicos processos da convergência jornalística, as narrativas multimídia jornalísticas e os webdocumentários expressam mudanças em conteúdos e formatos informativos e novas características dos discursos midiáticos, os quais buscam novas formas de interação com as audiências.

Assume-se como hipótese deste trabalho que os webdocumentários podem proporcionar ao cidadão uma informação de maior qualidade, ou seja, mais contextualizada e apurada, e, por isso, os processos de aprendizagem desta linguagem no ensino são importantes para a formação dos estudantes na área da Comunicação e no campo do jornalismo. Consideramos que a experiência de refletir e produzir informação utilizando a linguagem dos webdocumentários no ambiente acadêmico permite aos alunos ampliar conhecimentos sobre os atuais discursos midiáticos e sobre mudanças na escritura de conteúdos e formatos informativos que incorporam diferentes códigos.

A metodologia deste trabalho é formada por duas etapas complementares. A primeira consiste em uma revisão bibliográfica sobre a temática desta monografia, que nos permite realizar uma reflexão crítica sobre as narrativas multimídia jornalísticas e identificar características de linguagem específicas dos webdocumentários. Assim, podemos compreender que os webdocumentários se configuram como um subgênero das narrativas multimídia jornalísticas. A segunda fase da metodologia corresponde a um estudo empírico

da experiência de ensino e aprendizagem dos webdocumentários no laboratório TJ UFRJ, o Telejornal Online da Escola de Comunicação da UFRJ (<http://www.tj.ufrj.br/>).

O capítulo 1 propõe uma reflexão sobre transformações dos discursos midiáticos, uma vez que estas mudanças estão associadas ao surgimento de conteúdos e formatos inovadores, como os webdocumentários. Este capítulo também propõe uma leitura crítica dos acontecimentos jornalísticos, os quais se constituem como base para a construção das narrativas jornalísticas multimídia e para parte expressiva dos webdocumentários.

No capítulo 2, discutiremos o que são os gêneros discursivos e como podem se transformar por meio de hibridizações com outros gêneros. Acreditamos ser necessária essa discussão, pois as narrativas multimídia jornalísticas se caracterizam como um gênero híbrido dos discursos midiáticos, reunindo combinações de diferentes códigos, como vídeos, áudios e infográficos. Em seguida, refletimos sobre o surgimento dessas inovadoras narrativas, discutindo como os avanços tecnológicos digitais, o advento da internet e seus usos e apropriações contribuíram para o desenvolvimento das mesmas no contexto da convergência jornalística. Observamos ainda as características das narrativas multimídia jornalística e dos webdocumentários, destacando alguns exemplos para compreender as suas singularidades. Questiona-se ainda neste capítulo se estas novas linguagens podem trazer uma informação mais aprofundada sobre os acontecimentos jornalísticos e outros fenômenos culturais.

O capítulo 3 propõe um debate sobre a necessidade de reforma no ensino superior de Comunicação e do Jornalismo, indicando possíveis mudanças a serem feitas e ressaltando a importância dos laboratórios nos processos de aprendizagem. Apresenta ainda uma análise empírica do laboratório TJ UFRJ, projeto do qual faço parte desde abril de 2012, compartilhando minha experiência como bolsista. Além disso, este capítulo também aborda um pouco da história e das características do TJ UFRJ.

No capítulo 4, apresentamos os resultados do estudo de caso que comprovam a hipótese da pesquisa acima referida. É realizada uma análise da relevância da produção do webdocumentário *(Des)Ocupações* pela equipe do TJ UFRJ para a formação dos estudantes, da qual participei, sob a orientação da professora Kátia Augusta Maciel. Ao relatarmos as etapas desta produção, demonstramos como esta experiência é importante para o aprendizado de novas formas de organizar e produzir conteúdos e formatos informativos no ensino da Comunicação e do Jornalismo. Apresentamos ainda neste capítulo resultados específicos referentes à importância dos processos de aprendizagem da linguagem do webdocumentário, sistematizados a partir de um questionário aplicado em quatro turmas da ECO-UFRJ, após a

exibição do webdocumentário *(Des)Ocupações*. Esse questionário foi um instrumento de pesquisa importante no estudo realizado pelo laboratório para aferir como alunos do curso de Comunicação interagem com esta inovação. Os resultados desse estudo, desenvolvido por mim junto com dois outros integrantes do TJ UFRJ, os alunos Daniel Araújo e Leandro Barreto, sob a orientação da professora Kátia Augusta Maciel, foram apresentados no Congresso de Extensão 2014. As perguntas abordavam diferentes aspectos dessa narrativa. Mas neste trabalho são focalizadas e sistematizadas apenas as respostas dos estudantes relativas à hipótese desta monografia, a qual considera que o aprendizado da linguagem do webdocumentário é uma experiência relevante para a formação dos alunos de Comunicação e de Jornalismo por permitir relatar informações com maior qualidade estética e de conteúdo.

Acredito que a escolha deste tema é ainda relevante em função da pouca difusão dos webdocumentários no Brasil, e o aumento da produção acadêmica sobre estas narrativas pode ser uma forma de contribuir para ampliar conhecimentos sobre essa nova linguagem, compreendendo melhor suas características e seus impactos na sociedade. A escolha do tema desta monografia também está diretamente associada a minha experiência no TJ UFRJ, laboratório onde aprendi muito sobre a produção audiovisual, sob a orientação da professora Beatriz Becker e, posteriormente, também sob a orientação da professora Katia Maciel nos quase três anos que fui bolsista do projeto. A produção do webdocumentário *(Des)Ocupações* foi extremamente relevante em minha formação e um dos grandes desafios para o TJ UFRJ. Desse modo, creio serem válidos o relato e a reflexão construídos a partir desta experiência como tema de meu trabalho de conclusão de curso. E, por meio deste trabalho, procuro ainda contribuir para a divulgação de *(Des)Ocupações* para que possamos compreender a universidade como um espaço de inovação e de criação, tanto na prática quanto na teoria.

2. REPRESENTAÇÃO E SIGNIFICAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS JORNALÍSTICOS

Este trabalho pretende demonstrar como o webdocumentário pode ser uma forma inventiva de relatar o acontecimento jornalístico e os acontecimentos em geral. Pela sua inovação e interatividade, pretendemos discutir como o webdocumentário pode ser importante para a formação dos estudantes de Comunicação e de Jornalismo.

Este primeiro capítulo propõe uma reflexão crítica sobre os discursos midiáticos, suas características e transformações, pois é justamente a partir de mudanças na produção e no consumo dos discursos midiáticos que surgem novas formas de comunicação com o público. Em seguida, reflete sobre o significado do acontecimento jornalístico, uma das bases para a produção do webdocumentário, uma nova forma de relato que representa algumas inovações nos discursos midiáticos na atualidade, uma vez que pode ser elaborado com conteúdos e formatos mais flexíveis e diversos, investindo na contextualização do acontecimento.

2.1 Representação X Realidade

Para que possamos consolidar a definição de webdocumentário como um subgênero das narrativas multimídia jornalísticas e como um modo inventivo de relatar os acontecimentos jornalísticos e abordar temáticas diversas, é preciso antes discutir e entender a importância dos discursos midiáticos, ressaltando suas características e discutindo transformações nas maneiras que as informações são elaboradas na contemporaneidade. Os gêneros discursivos tendem a sofrer modificações gerando novos gêneros, inclusive híbridos, gêneros que reúnem uma ou mais características de mais de um gênero, definido por regularidades enunciativas. O webdocumentário é um exemplo de inovação dos modos como os relatos da mídia são construídos, em função de suas inerentes características de linguagem: multimídia, hipertextualidade, interatividade e memória, como será discutido adiante. Assim, uma reflexão sobre o webdocumentário demanda antes discutir a relevância dos discursos midiáticos e o próprio conceito de discurso. Neste trabalho, interpretamos o que são os discursos com base no texto “Comunicação e Discurso”, do professor e linguista brasileiro Milton Pinto, que define este termo como todos os textos inseridos em determinados contextos (PINTO, 1999, p.8). Ou seja, discursos são todas as formas do uso das linguagens

verbal e não verbal influenciadas pelas condições socioeconômicas, políticas e culturais de sua produção.

Ao estabelecermos qualquer tipo de expressão, produzimos um texto, seja este verbal ou não verbal. No entanto, o contexto social e histórico dessa interação também intervém no modo como falamos. Se por exemplo, nos dirigirmos a uma autoridade, devemos usar um texto mais formal, ao nos dirigirmos a uma criança utilizamos uma linguagem menos formal e de mais fácil compreensão. A produção literária do século 17 terá características típicas daquele período, diferentemente da produção no pós Segunda Guerra Mundial ou no período da *Belle Époque*. Os tipos de discurso produzidos no Brasil se diferenciam dos produzidos nos EUA, ou em países asiáticos, pois a posição geográfica dos sujeitos e das instituições também influenciam os modos de usar a linguagem e os sentidos produzidos pelos textos. Definimos então os discursos como todas as formas de comunicação entre indivíduos e grupos sociais que são influenciadas pelo contexto histórico, cultural e social em que foram produzidas.

Os discursos produzidos terão marcas características da comunidade ou grupo pertencentes ao indivíduo. Por isso, não existem discursos neutros, pois estes expõem sentidos que expressam as posições sociais, culturais e ideológicas dos sujeitos da linguagem (BRANDÃO, 2006)¹.

Os discursos são numerosos, pois englobam diferentes formas de expressão de todos os campos da atividade humana. Ao analisarmos, por exemplo, um texto jornalístico impresso, observaremos diferentes códigos que vão além do texto escrito: como as imagens e padrões gráficos presentes. Relacionamos então todos esses elementos com as práticas do jornalismo e a um determinado contexto sociocultural, ou seja, buscamos, por exemplo, identificar a situação política de certas realidades e comunidades, se havia ou não censura, quais eram os acontecimentos importantes anteriores, entre outras situações (PINTO, 1999).

Segundo o autor Milton Pinto, os discursos são práticas sociais, e também entendemos que a linguagem verbal e as significações que integram os textos são parte do contexto histórico, social e cultural em que surgiram e não algo externo à vida e às pressões sociais. Por isso, os discursos são essenciais na manutenção ou transformação das representações dos acontecimentos e de como se definem as pessoas em uma sociedade, pois carregam as características diretamente relacionadas com a estrutura social de indivíduos e grupos sociais (PINTO, 1999). Ou seja, a linguagem, seja verbal ou não verbal, produzida pelos homens

¹ Disponível em http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_1.pdf Acesso em 8 de agosto de 2014

também está relacionada com o contexto histórico em que surgiu. Os homens se comunicavam na Pré-História por meio de pinturas nas paredes, uma vez que viviam em cavernas, assim como no Antigo Egito eram comuns as escrituras nas pirâmides. Desde crianças, já vivemos em um mundo de representações (conhecimentos e crenças), que estabelecem relações e identidades sociais sob determinados valores e exercem alguma forma de controle social. Ou seja, os princípios e significados que estão relacionados com a discursividade determinam de certo modo quem somos na sociedade por atribuir valores aos acontecimentos, a distintas comunidades e aos indivíduos em suas enunciações.

Norman Fairclough (*apud* TILIO 2008, p. 100)² afirma que o discurso é uma forma de agir socialmente, ou seja, é por meio do discurso que as pessoas interagem umas com as outras no mundo social. E, existe uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, havendo, portanto, uma relação entre a prática social e estrutura social, em que a segunda é tanto uma condição para a primeira quanto um efeito dela. Segundo Fairclough, (*apud* TILIO 2008, p. 101), o discurso é quem delimita a base social de um indivíduo, pois não apenas representa as convenções, mas também as molda e restringe, fazendo com que o mundo e as relações sociais adquiram significados.

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que a moldam e a restringem direta ou indiretamente: suas normas e convenções, assim como as relações, identidades e instituições que se encontram por trás destas. O discurso é uma prática não apenas de representar o mundo, mas de fazê-lo significar, constituindo o mundo com base em significados (FAIRCLOUGH *apud* TILIO, 2008, p. 101).

Como dito antes, as práticas discursivas estão inseridas sob um contexto histórico, social e cultural, e por isso carregam significações específicas. Dessa forma, concluímos que o discurso é responsável pela formação das estruturas sociais, delimitando as normas, relações e identidades. Assim, por meio do discurso, são moldadas convenções e identidades sociais. Quando observamos os discursos pela perspectiva do contexto sócio-histórico em que foram produzidos, buscamos compreender como os indivíduos envolvidos na construção do significado agem no mundo por meio da linguagem, e como constroem sua realidade social (LOPES *apud* TILIO, 2008, p. 103).

² Disponível em <http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/13/20> Acesso em 3 de setembro de 2014

No entanto, segundo Fairclough (*apud* SILVA, 2012, p. 228)³ ao mesmo tempo em que o discurso constitui uma prática social, tanto de representação quanto de significação do mundo, as mudanças discursivas podem influenciar a ordem societária do discurso, o que resulta em mudanças mais gerais ou abstratas na sociedade.

As mudanças nos eventos discursivos estão relacionadas com as problematizações entre os produtores ou intérpretes de sentidos. Como exemplo, podemos citar a relação entre homens e mulheres, em todas as instituições e domínios (FAIRCLOUGH, 2001)⁴. Os discursos na interação entre estes gêneros passam por problematizações, muito por conta de contradições da própria sociedade, “neste caso, contradições entre as posições de sujeito tradicionais, em que muito de nós fomos socializados, e novas relações de gênero” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 127). Ou seja, as mudanças nas posições das mulheres e homens na sociedade demandam inovações nas práticas discursivas, na forma de interação entre estes gêneros. Assim, com o passar do tempo, as práticas discursivas entre homens e mulheres devem sofrer transformações pelas mudanças de papel desses gêneros na sociedade. A emergência e novas problematizações e contradições tendem a alterar as estruturas discursivas.

Os discursos podem colaborar para conservação de relações sociais ou contribuir para a transformação dessas relações mediante lutas pela hegemonia expressas em certas enunciações. Desse modo, de acordo com Fairclough (2001, p. 128), as mudanças nos discursos podem surgir de problematizações e contradições das relações sociais.

À medida que uma tendência particular de mudança discursiva se estabelece e se torna solidificada em uma nova convenção emergente, o que é percebido pelos intérpretes, num primeiro momento, como textos estilisticamente contraditórios perde o efeito de “colcha de retalhos”, passando a ser considerado “inteiro”. Tal processo de naturalização é essencial para estabelecer novas hegemonias na esfera do discurso (FAIRCLOUGH, 2001, p. 128).

À medida que produtores e intérpretes consolidam mudanças nas convenções discursivas acabam produzindo transformações de sentidos, e assim “estão desarticulando ordens de discurso existentes e rearticulando novas ordens de discurso, novas hegemonias discursivas” (FAIRCLOUGH, 2001, p.128). Estas mudanças podem influenciar a ordem

³ Disponível em http://www.revistaautomia.com.br/v2/wp-content/uploads/2012/08/Estudos-cr%C3%ADticos-do-discurso-no-contexto-brasileiro_p.224-243.pdf Acesso em 8 de agosto de 2014

⁴ Disponível em: http://minhateca.com.br/atilamunizpa/Documentos/Discurso+e+Mudan*c3*a7a+Social+-+Norman+Fairclough,3243359.pdf Acesso em 5 de setembro de 2014

discursiva de um indivíduo, de uma instituição ou transcender e atingir a ordem de discurso societária.

Como exemplo, podemos citar relações que abordam algum tipo de poder: professores e alunos, gerentes e trabalhadores, pais e filhos, médicos e pacientes. Com o passar do tempo, as posições de ambos os lados destas relações foram se transformando, tornando assim contraditórias práticas discursivas anteriores, e permitindo assim uma “redução de marcadores explícitos de assimetria de poder” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 129). Ou seja, estas relações continuam estabelecendo algum tipo de dominação, mas as marcas do discurso são mais democráticas e aproximam mais os dois lados. A subordinação característica dessas relações diminuiu com o passar dos anos, e essa mudança provocou alterações tanto na ordem do discurso quanto nas relações sociais.

Logo, compreendemos que os discursos são responsáveis pela consolidação das estruturas sociais. Porém, ao mesmo tempo que delimitam identidades e relações entre indivíduos e grupos sociais, expressam suas aspirações. Em alguns momentos podem conservar relações hegemônicas, mas em outros momentos, a partir de problematizações e contradições, geram mudanças que contribuem para novas produções de sentidos sobre as identidades culturais, as relações sociais e também sobre a mídia e os acontecimentos.

2.2 Repensando os discursos midiáticos

Os webdocumentários surgem em um contexto da atual transformação dos discursos da mídia sob efeitos da convergência e dos usos de tecnologias digitais. Os discursos da mídia podem ser definidos como forma de expressão e de produção de sentidos mediante o uso da linguagem verbal e não verbal e inseridos em um contexto midiático, ou seja, em um veículo de comunicação. Neste tópico, iremos discutir estas transformações, considerando, como propõe Becker (2005) que as enunciações dos discursos jornalísticos podem reforçar discursos hegemônicos, ou, colaborar para a transformação social pela maneira como a notícia é produzida, enunciada e interpretada pelas audiências, atribuindo outros sentidos a uma determinada realidade e/ou acontecimento.

Segundo a pesquisadora, os discursos midiáticos ocupam um lugar privilegiado na representação e formação das identidades nacionais e também um papel importante na conservação das relações de poder. As notícias publicadas nos jornais impressos e veiculadas na televisão tendem a valorizar os discursos hegemônicos, representando os acontecimentos

sob um viés que propicia a manutenção do consenso e do *status quo*. No entanto, a televisão também “tem um papel de vanguarda, enquanto agente unificador da sociedade brasileira, ofertando referências nacionais da realidade cotidiana, desvelando conflitos, e viabilizando mudanças, ainda que modelando essas possibilidades” (BECKER, 2005, p 107).

O telejornal, por exemplo, ainda é um espaço representativo de poderes dominantes, ao exibir para seus telespectadores direcionamentos políticos de alguns governos e das instituições de poder no respectivo país. No entanto, também é um espaço de interesse público, oferecendo visibilidade para as reivindicações de diferentes comunidades e de minorias, cumprindo assim, uma função mediadora dos conflitos sociais.

Essas ações discursivas, aparentemente contraditórias, endossam e valorizam a sua própria existência, no desempenho da sua função objetiva de narrar os principais fatos sociais do Brasil e do mundo e da sua função subjetiva de agendar a realidade social cotidiana, mediando problemas e diferenças sociais. Nesse processo, os telejornais realizam, de modo geral, leituras hegemônicas, e, ao mesmo tempo, oferecem, em alguns momentos, tratamentos discursivos de acontecimentos em dimensões transformativas (BECKER, 2005, p. 109).

Hoje, a evolução tecnológica permite uma diversificação cada vez maior de dispositivos e aparatos técnicos para as pessoas poderem acessar uma informação em tempo real. Celulares e os smartphones, Ipad, notebooks e outras inovações possibilitam a difusão instantânea das notícias. A rapidez com que a informação é postada na rede, aliada à multiplicidade de meios para acessá-la garante uma produção intensa e acelerada de notícias para os cidadãos, inclusive por meio de mídias móveis e redes sociais. Neste contexto, os discursos midiáticos disponibilizados tanto nas novas mídias quanto nos meios tradicionais exercem papel cada vez mais central na sociedade contemporânea.

O esvaziamento do papel do Estado ainda torna os discursos midiáticos uma prática social ainda mais relevante. Muitas pessoas recorrem aos noticiários, especialmente aos regionais, para exibir no telejornal um problema que afeta muitos moradores de um bairro ou cidade, como o serviço ruim de um hospital público, estradadas esburacadas, entre outros. As matérias de denúncia objetivam tornar os noticiários cada vez mais próximos do público, tornando assim as reportagens mais familiarizadas com o telespectador. Uma das principais características dos discursos midiáticos, principalmente na TV, é busca cada vez maior de aproximação com o público. Reportagens de denúncia garantem audiência, fator essencial para os jornais de TV conseguirem um maior faturamento com a publicidade. Essas narrativas cotidianas dão ênfase às personagens das histórias relatadas com uma abordagem humanística

dos problemas. Assim, as tensões sociais apresentadas são diminuídas, valorizam-se as ações individuais e a mídia consegue mobilizar a população, incrementando o seu próprio valor como ator social relevante nesta mediação (BECKER, 2005). Nesse dinâmico processo discursivo, a dramatização nas reportagens televisivas é recorrente. O enfoque nos personagens, nas reportagens sobre eventos trágicos, como assassinatos, inundações, atentados terroristas, garante uma atenção maior do público, já que as entrevistas e as reclamações dos personagens que perderam parentes ou amigos conferem visibilidade ao sofrimento e provocam vínculos emocionais com a audiência, o que é essencial para alcançar sucesso de público, captar recursos financeiros e para o estabelecimento do poder político dos telejornais. A aproximação dos discursos midiáticos com o público não só garante a credibilidade dos veículos, como também aumenta a audiência e atrai anunciantes, já que a publicidade é a base financeira dos telejornais. Por isso, nos discursos midiáticos, há uma busca pela sincronia com o público, que os valoriza.

O RJTV, por exemplo, o telejornal regional da *TV Globo* que está há quase 20 anos em atividade, lançou o quadro *Parceiro do RJ*⁵, produzido por “repórteres-cidadãos” de diferentes comunidades, que foram contratados com vínculos temporários pela emissora e que seguem orientação dos jornalistas profissionais. O quadro mostra a realidade de diferentes comunidades no Rio de Janeiro sob o ponto de vista do morador e permite assim a produção de conteúdo pela audiência (BECKER, 2012)⁶. O site de notícias *GI*⁷, das organizações Globo, permite o envio de textos e fotos e a publicação de vídeos feitos pelos usuários. Neste portal, há uma editoria exclusiva para receber o conteúdo do público, intitulada *Você no GI*⁸ (BECKER, 2012). É importante ressaltar que, apesar da abertura, a participação do público na produção de conteúdos desses veículos ainda é limitada. No site *GI*, os colaboradores devem enviar textos curtos e preferencialmente breves registros de flagrantes.

Assim, o que o site chama de “sua notícia” são apenas postagens de fotos ou fragmentos audiovisuais de acontecimentos desacompanhados de informações e interpretações capazes de agregar a esses registros ângulos e abordagens mais plurais dos fatos sociais (BECKER, 2012, p. 55).

Nos telejornais, as contribuições do público são identificadas como “imagens de cinegrafistas amadores”, e o nome dos autores das filmagens não é creditado, o que limita e

⁵ Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/parceiro-rj/index.html> Acesso em 24 de setembro de 2014

⁶ Disponível em: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/416/380> Acesso em 24 de setembro de 2014

⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/index.html> Acesso em 24 de setembro de 2014

⁸ Disponível em: <http://g1.globo.com/vc-no-g1/index.html> Acesso em 24 de setembro de 2014

esvazia a participação do espectador (BECKER, 2012). O quadro “Parceiro do RJ”, do RJTV, traz ao telespectador uma percepção mais complexa das condições socioeconômicas do Rio de Janeiro, exibindo os depoimentos e reivindicações dos habitantes das favelas (BECKER, 2012). Porém, os repórteres-moradores não têm uma identidade clara diante das câmeras, a imagem dos parceiros “oscila entre aprendizes de repórteres e ativos representantes dos moradores” (BECKER, 2012, p. 54).

Por conseguinte, essas identidades ficam diluídas no corpo do telejornal porque o discurso do noticiário televisivo valoriza mais a si mesmo como ator social principal e a necessidade de sua existência do que a população no exercício de suas mediações (BECKER, 2012, p. 54).

No entanto, mesmo com a participação limitada do público, os veículos de comunicação atingem uma maior audiência ao oferecerem, mesmo que pequena, uma interação com os espectadores. E, ao oferecerem essa interação, se consolidam como um meio de referência para a sociedade.

Os discursos da mídia, principalmente os discursos dos telejornais, também investem continuamente na persuasão da audiência para que o público acredite que as informações transmitidas sejam verdadeiras. Os enunciados dos noticiários televisivos, elaborados com narrações em off dos repórteres e comentários dos âncoras, constituem-se em uma estratégia para que o espectador perceba o telejornal como uma fonte de credibilidade. A exibição da “realidade” garante a credibilidade registrada pela câmera de televisão. Há uma convicção do que aquilo que a TV mostra é verdadeiro, e por isso as transmissões ao vivo garantem a audiência de telejornais de prestígio, como o Jornal Nacional e o Jornal da Band (BECKER, 2005). A narração em off anunciando a presença do repórter, reforça o papel de testemunha do acontecimento. Os enunciados dos telejornais utilizam ainda outras estratégias para garantir ao público que o que é dito é verdadeiro, como as combinações de texto verbal com imagens, o uso dos depoimentos, gráficos e mapas que garantem o efeito de verossimilhança. Os telejornais registram os fatos no momento em que ocorrem, garantindo assim à imagem um status de verdade porque demonstra um real não questionável. As imagens de arquivo ou de cinegrafistas amadores serão sempre certificadas para consolidar a credibilidade do noticiário (BECKER, 2005). Os jornais impressos e online, por sua vez, também utilizam fotos, entrevistas e gráficos para consolidar o caráter verdadeiro das notícias.

Com o crescimento cada vez maior dos fluxos contínuos de informação, incrementado pela difusão das mídias sociais, os discursos midiáticos também assumem um papel de

esclarecedores dos acontecimentos para a sociedade. Muitas vezes a sociedade confere se um fato é verídico e procura saber mais sobre essa notícia por meio de veículos de comunicação de grande circulação. Ou seja, com o surgimento e crescimento das mídias sociais, há uma aceleração no fluxo de notícias, mas a população tende a checar a credibilidade da informação nos relatos das mídias tradicionais. De fato, o jornalismo é uma forma de auxiliar o público a entender o que acontece atualmente no mundo. O jornalismo, especialmente na televisão, possui um papel relevante em várias sociedades em todo o mundo, especialmente no Brasil:

Os brasileiros acreditam mais na mídia que no Governo. A informação, resultado de um pesquisa da agência de notícias Reuters, da Rede Britânica BBC e dos Media Centre Poll da Globescan realizada em dez países, mostra a centralidade e importância da televisão na sociedade brasileira. Dentro desse contexto, o campo do telejornalismo ocupa um lugar de destaque como a principal fonte de informação para 56% dos entrevistados é a televisão (BRASIL *apud* CORREIA & VIZEU, 2008, p 1)⁹.

Outra pesquisa publicada na revista *Imprensa* sobre os telejornais no Brasil também comprova o poder dos noticiários como uma fonte de informação essencial para o público. Nesta, 85% dos entrevistados, de grandes centros urbanos, representando uma população de mais de 34 milhões de pessoas, revelaram, no primeiro semestre de 2005, que acompanham telejornais. (MORAES *apud* CORREIA & VIZEU, 2008).

A relevância do papel informativo exercido pelos discursos midiáticos pode também ser compreendida pelo exercício de suas funções pedagógicas para a sociedade. Segundo o professor da Universidade Autônoma de Barcelona, Lorenzo Vilches:

(..)o telejornal estabelece uma relação pedagógica, pois ensina a como se portar diante do texto televisivo, com que atitude comunicativa e em que condições deve aprender as características do gênero. Ou seja, operando de uma forma didática a notícia faz uma mediação entre os diversos campos de conhecimento e o público (*apud* CORREIA & VIZEU, 2008, p.10).

Assim, observa-se que há uma preocupação didática dos meios em relação à audiência. Um dos desafios do jornalismo, e não só do televisivo, é explicar termos técnicos de determinados assuntos, como denominações do mercado financeiro, aspectos da ciência, jargões do futebol, entre outros.

⁹ Disponível em:

https://www.academia.edu/385852/A_construcao_do_real_no_telejornalismo_do_lugar_de_seguranca_ao_lugar_de_referencia Acesso em 15 de agosto de 2014

Desse modo, os discursos midiáticos constituem-se como fontes de compreensão da vida social e do mundo para o público. Os veículos de comunicação exercem um papel importante na difusão do conhecimento, e colaboram para a democratização do saber, ainda que sob determinados enquadramentos. Ao contemplarem as matérias jornalísticas, os espectadores adquirem mais informações sobre diversos assuntos: esportes, cultura, economia, política. Logo, as notícias podem ser uma ferramenta importante para a difusão de conhecimentos. O discurso jornalístico se constitui como um gênero por se oferecer como via de acesso e de tradução do mundo real e dos principais fenômenos culturais (GENRO FILHO *apud* CORREIA & VIZEU, 2008). Ou seja, quando pensamos nas transmissões televisivas ou matérias jornalísticas de jornais impressos ou online como uma forma de conhecimento, ela se torna singular, pelas suas inerentes características de uso da linguagem que conferem às suas enunciações o status de verdade nos relatos dos acontecimentos. Especialmente no telejornalismo, há na essência de referência teórica do conhecimento a necessidade de “molhar-se pela realidade”. Ou seja, um contexto ou um acontecimento só se constitui por meio das maneiras como os fatos são enunciados (CORREIA & VIZEU, 2008).

A TV e seus noticiários, mesmo representando em muitos momentos os discursos hegemônicos, garantiram um território simbólico da realidade, da expressão política e da cultura nacional. Este veículo garante a democratização do conhecimento para o público mesmo que construída sob várias mediações. Para atrair a audiência, os telejornais sofreram e até hoje sofrem alterações, e, dessa forma, desempenham novas funções sociais, e assim também não deixam de legitimar vozes pouco hegemônicas da sociedade.

Os discursos midiáticos, ao relatarem os acontecimentos para o público, podem estimular os espectadores a saírem de sua percepção rotineira e refletirem sobre o *status quo*. As narrativas, em suas diferentes formas, podem transmitir sentidos e abordagens diferenciadas sobre os acontecimentos, constituindo-se assim como fatores de mudança social. Segundo Dayan e Katz:

(...)o desencadear de uma mudança começa com a revelação de uma nova forma, ou da necessidade de pensar um problema social incurável, porque os acontecimentos midiáticos marcam o conflito latente e provocam, na sua essência, uma reorganização do tempo e do espaço, ou seja, da história e da geografia, e da narrativa sobre o conflito (*apud* BECKER 2005, p.124).

Os telejornais, transmitem as notícias de maneiras distintas, seja pela duração das reportagens, ou pela influência do âncora, ou pelas diferentes narrações em off, pelos gráficos

ou entrevistados. Cada notícia pode ter uma interpretação diferente dependendo do telejornal, o que pode provocar reflexões nos telespectadores sobre a sociedade e o país em questão.

Vozes que normalmente seriam excluídas por não estarem inseridas nos discursos hegemônicos, como os negros, índios e integrantes do Movimento dos Sem Terra, passaram a ser integradas nas reportagens, concedendo assim um teor mais democrático para esses telejornais. Como exemplo, podemos citar o programa *Profissão Repórter*¹⁰, da *TV Globo*, de dezembro de 2010, em que o repórter Caco Barcellos e sua equipe mostram a rotina do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro (BOPE), exibindo suas ações e treinamento. As equipes do BOPE são frequentemente usadas nas operações nas favelas do Rio de Janeiro. O pelotão realiza táticas repressivas, em muitas vezes utilizando-se da tortura para conseguir adquirir as informações que precisa. Caso a reportagem mostrasse apenas o trabalho do BOPE, o discurso hegemônico seria mantido exaltando o pelotão e evitando alguma possibilidade de manifestação do discurso não hegemônico da população mais pobre. No entanto, os moradores da favela também são ouvidos, manifestando suas reclamações com a repressão deste batalhão e assim conferindo um papel mais democrático à matéria. Logo, os discursos da mídia tendem a agendar valores da cultura e dos poderes dominantes, mas nem sempre funcionam apenas como instrumento de manutenção do *status quo* podendo servir também como instrumentos de transformação social (BECKER, 2005).

De fato, a globalização impõe uma ordem econômica e cultural que é sustentada pelos interesses do capitalismo mundial, o que, segundo Becker (2005, p. 148) demanda “uma reflexão sobre a Comunicação e as identidades nacionais, para podermos nos posicionar frente aos discursos hegemônicos da atualidade, sem abrir mão de nossas autonomias políticas e culturais, capazes de garantir cidadania e dignidade à população brasileira”. Nesse contexto, os discursos midiáticos, especialmente a TV, constituem-se como instrumentos político e cultural relevantes no País. Para que suas mediações possam sugerir novas percepções da realidade, é necessário que haja mudanças não apenas nos conteúdos das notícias, mas também nos seus formatos, principalmente das narrativas jornalísticas audiovisuais devido ao grande impacto das associações entre texto verbal e imagem na transmissão dos acontecimentos e da importância da televisão para a população brasileira. “A TV e seus gêneros discursivos têm mesmo funções e linguagens complexas e merecem novos caminhos de interpretação” (BECKER, 2005, p. 149).

¹⁰ Disponível em: <http://globotv.globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/bope-parte-1/1397390/> Acesso em 25 de setembro de 2014

Os discursos midiáticos interferem na constituição da realidade, mas mesmo com restrições, podem exercer um importante papel na valorização das múltiplas identidades nacionais e como revelador das desigualdades sociais. E, para exercer esse papel, é preciso que a produção e a interpretação desses discursos transcendam a compreensão dos mesmos apenas como instrumentos de manipulação e controle ideológico e político. Assim, suas mediações e as interações com os receptores podem sinalizar outras direções (BECKER, 2005).

Sob essa perspectiva, sugerimos que a consolidação de novas percepções e novos modos de organização dos discursos midiáticos, o que demanda uma inovação dos modelos conhecidos de relatar os acontecimentos jornalísticos, pode também ampliar o potencial dos discursos midiáticos como formas de conhecimento. E para que a informação atinja o interesse público, é preciso desenvolver maneiras inventivas de contar as histórias do cotidiano, como o webdocumentário, uma forma de narrativa audiovisual multimídia e interativa.

O webdocumentário é um tipo de discurso midiático, um subgênero das narrativas multimídia jornalísticas que resulta da convergência de diferentes códigos (vídeo, imagens fixas, texto verbal e áudio), como será discutido adiante. O surgimento dessa linguagem inovadora não está associado apenas ao desenvolvimento das tecnologias digitais e, conseqüentemente, da convergência jornalística, mas também de uma mudança intencional dos discursos dos meios, os quais buscam investir em relatos mais contextualizados que possam transcender os seus reconhecidos papéis de mantenedor dos valores hegemônicos na sociedade, incorporando uma representação mais ampla possível da pluralidade de vozes da sociedade na difusão de conhecimentos sobre a vida social cotidiana para atrair a atenção de leitores-telespectadores e usuários, ainda que sob seus interesses. Mas para que possamos ampliar essa reflexão sobre essa atual tendência dos discursos midiáticos e sobre as características de linguagem do webdocumentário, é preciso antes definir o que são os acontecimentos jornalísticos, uma das principais matérias-primas para a construção desses conteúdos e formatos noticiosos originais.

2.3 Os acontecimentos jornalísticos

A maior parte dos webdocumentários é construída a partir de acontecimentos jornalísticos e por essa razão, torna-se relevante definir o que são estes acontecimentos.

Segundo Márcia Benetti, professora do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, uma das características dos acontecimentos jornalísticos é a representação do excepcional em relação ao comum, o que está fora da norma. De acordo com Benetti, a história não é linear e rotineira, mas sim complexa e irregular. Os fatos sociais, cada um com um teor de notabilidade, são transformados em notícias sob determinados critérios, quando ocorrem rupturas, acidentes ou desvios na vida social cotidiana (BENETTI, 2010).

Segundo Alsina (*apud* BENETTI, 2010, p. 145), “o índice prioritário é a *variação*, que representa a ruptura da norma e distingue o fenômeno variante do fenômeno que se repete (grifo do autor)”. Como exemplo, “o afundamento progressivo da cidade de Veneza foi um acontecimento quando foi descoberto. Na atualidade, o afundamento é a norma. O novo acontecimento seria o que demonstrasse que Veneza não afunda mais. Essa seria uma *variação*” (ALSINA *apud* BENETTI, 2010, p. 146). E essas variações se tornarão acontecimentos jornalísticos.

Os fenômenos considerados invariantes, e que não remetem ao público uma percepção de ruptura normalmente não se enquadram no contexto jornalístico. Até fenômenos sociais no qual o interesse público não pode ser questionado, como fome e desigualdades sociais não se enquadram nestes padrões porque são invariantes e percebidos como comuns (BENETTI, 2010, p. 146).

Neste trabalho, acreditamos que a definição de Benetti para os acontecimentos jornalísticos é pertinente, uma vez que o mesmo traz à tona uma novidade ou anuncia algo novo para uma determinada sociedade. No entanto, nem sempre esses acontecimentos provocam rupturas. Um jogo de futebol, uma corrida de Fórmula 1, não causam rupturas, pois já são comuns no cotidiano, mas trazem ao público um teor de novidade, que assim atrai o espectador a contemplar a televisão ou ler a matéria sobre uma partida de futebol no jornal. De qualquer modo, não se pode negar que muitas notícias, como coberturas de assassinatos, de catástrofes possuem um caráter de ruptura. O poder do jornalismo não está apenas relacionado com a singularidade das notícias e da variação dos fenômenos. Há uma repetição dos mesmos acontecimentos que, mesmo padronizados, enunciam novidades, como jogos de futebol, cobertura de passeatas, que se repetem, definindo como é o mundo. E os estudos dos mesmos indicam quais são os valores contemporâneos e sobre como agir neste mundo narrado (BENNETTI, 2010). No entanto, tanto as notícias de impacto, que causam maior comoção ou surpresa por parte do público, quanto os acontecimentos mais próximos a cotidiano social são

construídos de maneira a produzir conformação e consenso por parte dos veículos midiáticos, organizando e/ou reorganizando simbolicamente a realidade.

Os acontecimentos jornalísticos são essenciais para que se defina historicamente as sociedades, porque ao serem produzidos, representam valores dominantes, mas também disputas entre atores sociais diversos pela hegemonia. Por isso, o jornalismo pode ser visto como um conjunto de acontecimentos, pois através dele é possível avaliar os valores de uma sociedade e em um determinado momento histórico. A repetição da cobertura dos fatos tende a consolidar os valores hegemônicos, influenciando a percepção do leitor ou espectador em determinadas direções.

Logo, a principal característica dos acontecimentos jornalísticos não é, necessariamente, a ruptura, a qual pode motivar a construção das notícias, mas nem sempre está inserida nos relatos das notícias. Definimos então os acontecimentos jornalísticos como os acontecimentos que sempre enunciam uma novidade e que organizam a realidade para o espectador. Ou seja, ao exibir um jogo de futebol ou corrida de F1, um assassinato, ou tragédias, comemorações, passeatas, os veículos de comunicação contribuem para transmitir e consolidar modos de percepção da realidade.

E, os acontecimentos só são jornalísticos se elaborados a partir da ocorrência de fatos sociais eleitos e transformados em notícias. Segundo Sodré (*apud* BENETTI, 2010, p. 148), o acontecimento jornalístico será construído depois do fato, com o trabalho técnico de determinação das circunstâncias, apuração e entrevistas.

3. WEBDOCUMENTÁRIO

A partir da compreensão do acontecimento jornalístico, propomos uma reflexão crítica sobre o webdocumentário como uma nova forma de construção, com qualidade, das notícias. Além disso, queremos discutir a importância do uso desta linguagem na formação dos estudantes de Comunicação e de Jornalismo, por meio de uma análise da produção do webdocumentário *(Des)Ocupações*, realizado pelo TJ UFRJ, projeto de extensão da Escola de Comunicação da UFRJ. Neste capítulo, analisaremos as principais características das narrativas multimídia jornalísticas e do webdocumentário, caracterizados pela hibridização de códigos combinados em uma mesma plataforma. Consideramos, porém, que o webdocumentário é um subgênero das narrativas multimídia jornalísticas por possuir características desse gênero, mas também por ter marcas próprias que serão aqui discutidas e definidas. Mas para definirmos essa nova linguagem, é preciso refletir antes sobre os gêneros do discurso e suas dinâmicas transformações, pois as narrativas multimídia jornalísticas são um gênero híbrido fruto de transformações nos modos de relatar acontecimentos e fenômenos culturais.

3.1 Os gêneros do discurso

As narrativas multimídia jornalísticas e, conseqüentemente, os webdocumentários, resultam da hibridização de gêneros discursivos. A compreensão deste processo nos exige refletir sobre o que são esses gêneros.

Os campos de divisão da atividade humana não existiriam sem os usos da linguagem, que estabelecem interações entre os indivíduos, por meio de representações típicas de uma determinada região ou sociedade, constituindo marcas históricas e sociais. Todos os indivíduos utilizam a língua em forma de enunciados (orais e escritos), definidos como o ato de enunciar, exprimir, transmitir os pensamentos em palavras. Os enunciados determinam as condições e finalidades de cada campo da atividade humana, tanto pelo conteúdo quanto pelo estilo da linguagem, no caso, a seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua e, principalmente, pela construção composicional (BAKHTIN, 2006).

Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas

cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* [grifo do autor] de enunciados, os quais denominados gêneros do discurso (BAKHTIN 2006, p. 262).

Ou seja, os gêneros do discurso podem ser definidos como os grupos que organizam os inúmeros tipos de textos, sejam estes verbais ou não verbais, presentes nos diferentes campos da atividade humana. Cada texto terá uma marca, uma peculiaridade, em relação ao conteúdo, estilo e construção, constituindo assim o seu próprio gênero. Alguns textos podem ser mais formais, outros mais informais, mais curtos ou mais longos, mais descritivos ou menos. Assim, compreendemos que os discursos são todas as formas de expressão de ideias e valores e/ou de comunicação entre indivíduos ou grupos sociais, sob determinadas regras enunciativas, enquanto que os gêneros correspondem aos diferentes tipos de discurso.

Existem gêneros mais padronizados, como receitas médicas, textos legislativos, e gêneros mais livres e criativos, seja nas conversas íntimas, nas crônicas, no teatro. Mesmo com a padronização de alguns gêneros do discurso, a maioria está sujeita a mudanças ou reformulações (BAKHTIN, 2006).

Como dito antes, os tipos de texto vão muito além dos escritos. Há os textos não verbais, que se utilizam de recursos que vão além dos códigos verbais. A música tem na característica sonora sua principal representatividade, mas também reúne características particulares da fala e do ritmo. A pintura também é um tipo de texto não verbal, utilizando apenas a linguagem visual em sua representação para a produção de sentidos.

O uso dos gêneros está relacionado com a situação que nos deparamos no cotidiano, uma resposta para uma interação específica. Há gêneros que estão vinculados a nossa rotina, como cartas, extratos bancários, bilhetes. Outros gêneros podem não estar tão vinculados ao cotidiano, o que dependerá do indivíduo. É o caso dos gêneros específicos, como textos científicos, técnicos (DELL'ISOLA, 2006)¹¹.

As infinitas formas de textos produzidos pela humanidade garantem um número infinito de gêneros discursivos, ampliando assim as capacidades de compreensão e de produção de sentidos para os indivíduos.

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso,

¹¹ Disponível em: <http://www.pgletras.com.br/Anais-30-Anos/Docs/Artigos/1.%20Est%20p%C3%B3s%20doutoramento/1.6%20Regina%20L.P%C3%A9ret%20Dell%C2%B4Isola.pdf> Acesso em 15 de setembro de 2014

que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2006, p. 262).

Toda a comunicação entre indivíduos só é possível por meio dos gêneros de discurso. Por isso, todos utilizam diferentes tipos de gêneros sem mesmo saber que estão os usando. Como exemplo, podemos citar uma entrevista de emprego, em que a conversa pode começar de maneira formal, mas em seguida o gênero do discurso se altera quando o candidato deve fazer uma apresentação sobre si, em seguida pode mudar outra vez, quando pede-se ao candidato que escreva um texto sobre determinado assunto.

Os enunciados, base da constituição do discurso, sempre serão direcionados para alguém. Por isso, o gênero do discurso será definido por meio da percepção e características do destinatário. Logo, o enunciado é produzido com base em convicções, instrução, formação, ideias, gostos e desgostos da pessoa a quem se direciona (BAKHTIN, 2006). Assim, Bakhtin cita, por exemplo, os gêneros da literatura:

Por exemplo, os gêneros da literatura popular científica são endereçados a um determinado círculo de leitores dotados de um determinado fundo aperceptível de compreensão responsiva; a outro leitor está endereçada uma literatura didática especial e a outro, inteiramente diferente, trabalhos especiais de pesquisa. Em todos esses casos, a consideração do destinatário (e do seu fundo aperceptível) e a sua influência sobre a construção do enunciado são muito simples. Tudo se resume ao volume dos seus conhecimentos especiais (BAKHTIN, 2006. p. 302).

Em outros casos, a relação do sujeito enunciadador com o leitor pode ser muito mais forte, como, por exemplo, em gêneros mais íntimos, como as cartas, mensagens. Ou, quando o destinatário possui uma posição social destacada, como as autoridades, o seu grau de influência sob o texto será demasiadamente significativo e o gênero discursivo tende a ser construído de modo formal.

Os gêneros sofrem modificações em razão do momento histórico, político, econômico e cultural em que estão inseridos, mas também são frutos das apropriações de tecnologias. Diferentes situações sociais podem originar um novo gênero com características particulares. A globalização e a aproximação das fronteiras influenciaram a construção de modelos de informação jornalísticos mais curtos e objetivos. O surgimento da TV marcou ainda a chegada de um novo gênero do discurso, o jornalismo de televisão, combinando imagens e palavras na transmissão dos acontecimentos. O advento da internet, intensificado na passagem para o

século 21, e os usos das tecnologias digitais, por sua vez, implicaram em novas formas de comunicação, com a utilização das redes sociais, vídeos e hiperlinks.

3.2 Os gêneros híbridos

Com o passar do tempo, novos gêneros podem surgir em razão das transformações e hibridizações dos anteriores. As demandas da sociedade e os avanços tecnológicos são um dos principais fatores que influenciam a consolidação destes novos grupos.

Os inesgotáveis campos da atividade humana permitem uma riqueza infinita dos gêneros de discurso, ao mesmo em que dentro de cada atividade novos gêneros podem surgir no desenvolvimento desses campos (BAKHTIN, 2006). A partir das transformações dos gêneros existentes, surgem novos, os híbridos. O email, utilizado na internet, surgiu a partir da hibridização de outros gêneros, como a carta, telegrama e o texto da internet (DELL'ISOLA, 2006). Outro exemplo são as teleconferências ou videoconferências, que emergiram de um desenvolvimento das tecnologias e de uma hibridização de outros gêneros de texto, como as conversas telefônicas, as conferências e o vídeo, ou ainda, como mais um exemplo de hibridização, os aparelhos móveis atuais, que possuem inúmeras funções. Há nesses aparelhos uma hibridização de dispositivos e gêneros que buscam atender as necessidades atuais. O celular surgiu da necessidade de se efetuar ligações telefônicas em qualquer lugar, sem precisar de fios. Hoje, com os smartphones, por exemplo, podemos escrever emails, tirar fotos, realizar videoconferências, assistir programas de televisão, ou seja, realizar muitas funções em um mesmo dispositivo.

Segundo Geertz (*apud* DELL'ISOLA 2006, p. 67) “as tecnologias, criadas pelo homem, muito contribuíram com o fenômeno da hibridização e deram novos rumos às ciências e às artes. A internet revolucionou os aspectos da comunicação humana, acelerando as informações e tornando-as instantâneas”. Porém, o surgimento dos gêneros híbridos também está relacionado com as mudanças e demandas sociais (PINTO, 1999). Um exemplo são os telejornais que não se limitam a apresentar notícias, mas também exibem receitas, reportagens de interesse turístico, previsão do tempo, o que consolida uma mistura de gêneros discursivos, condicionada também pelo interesse das audiências. A hibridização de gêneros no celular, ou a criação da teleconferência, videoconferência e e-mail resultou de necessidades da sociedade, a qual precisava desses avanços tecnológicos para aprimorar a interação entre os indivíduos, e certamente por motivações econômicas originárias das dinâmicas de mercado.

As variações e transformações dos gêneros possibilitam o surgimento de novas formas de expressão que atendam às necessidades da comunidade onde surgiram e interesses de grupos sociais distintos. Sob esta perspectiva, compreendemos que o webdocumentário é decorrente de uma hibridização de determinados gêneros discursivos midiáticos, como será discutido adiante.

3.3 Narrativas multimídia

Compreendemos que os avanços tecnológicos, aliados à convergência das mídias, podem ou não tornar os discursos midiáticos mais criativos, democráticos e próximos de vozes não hegemônicas. Mas, certamente, possibilitam a criação de novas formas de comunicação com o público. As narrativas multimídia, linguagem interativa acessada pela internet e que traz a informação por meio de diferentes códigos (texto, sons, vídeo, fotos, infográficos) são um exemplo e têm o potencial de apresentar conteúdos e formatos de notícias mais bem elaborados para o público. A convergência jornalística tem influenciado o desenvolvimento das narrativas multimídia, como será discutido em seguida.

3.3.1 Convergência jornalística

As narrativas multimídia jornalísticas são um novo gênero dos discursos jornalísticos, caracterizadas pela multimidialidade, hipertextualidade, interatividade e memória. Como dissemos anteriormente, este formato surge no contexto de atuais transformações nos discursos midiáticos, resultantes das mudanças culturais, políticas e econômicas. No entanto, também são decorrentes do desenvolvimento e apropriação de tecnologias digitais. No contexto destes avanços é que surge o processo da convergência jornalística. Segundo Salaverría e Negredo:

A convergência jornalística é um processo multidimensional que, facilitado pela implantação generalizada das tecnologias digitais de telecomunicação, afeta o âmbito tecnológico, empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação, proporcionando uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente desagregadas, de forma que os jornalistas elaboram conteúdos que se distribuem através de múltiplas plataformas, mediante as linguagens próprias de cada um (SALAVERRÍA & NEGREDO, 2009, p. 45).

Ou seja, a convergência jornalística é um processo de caráter gradual de integração entre os diferentes meios de comunicação (rádio, televisão, jornais impressos e online). Segundo Roy Greenslade, do *The Guardian*¹² (apud SALAVERRÌA & NEGREDO, 2009) a convergência, portanto, consiste na criação de uma nova cultura jornalística, que integra as ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens.

Devemos lembrar que muitos veículos de comunicação até hoje mantêm homogênea sua linguagem, ferramentas e métodos de trabalho. Porém, as emissoras de rádio e televisão tendem a estar inseridas em multiplataformas e a interagirem com diferentes mídias, ainda que buscando conservar sua própria linguagem, uma vez que o advento da internet permitiu uma fusão do texto, foto, com vídeo, áudio das rádios e outros elementos. Sites como *GI* e *Globoesporte.com*¹³ já combinam textos e fotos com vídeos da programação da *TV Globo* e do canal por assinatura *SporTV*, ou o portal *R7*¹⁴, que possui textos mas também oferece vídeos da *TV Record*. As notícias do jornal *Estado de S.Paulo*¹⁵ são incorporadas no site desse veículo, assim como fotos e vídeos, além dos áudios da *Rádio Estadão*¹⁶ e *Rádio Eldorado*¹⁷.

No contexto do processo de convergência jornalística, há uma tendência para integração das redações em escalas diferentes. Ou seja, redações independentes (rádio, jornal impresso, jornal online) podem colaborar em uma frequência inconstante ou por meio de uma integração total onde todos os jornalistas de um mesmo setor produzem conteúdos para diferentes meios (DOMINGO, 2007)¹⁸. Como exemplo dessa integração, podemos citar o jornal espanhol de distribuição gratuita *20 minutos*¹⁹, onde os editores decidem se as matérias serão postadas online ou na versão impressa. Assim, decidem se irão publicar a notícia na edição impressa do dia seguinte ou já publicá-la online imediatamente (DOMINGO, 2007).

O processo de integração das redações no jornal promove uma mudança na forma de trabalho dos jornalistas, que agora devem pensar em produção de matérias para diferentes meios: a versão online, impressa, ou rádio e televisão. Por essa razão, os editores devem adotar novas estratégias para o formato online, ou para captação de áudio para as rádios e imagens para a televisão. Logo, os repórteres enfrentam a necessidade de desenvolvimento de

¹² Disponível em: <http://www.theguardian.com/uk> Acesso em 21 de setembro de 2014

¹³ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/> Acesso em 23 de setembro de 2014

¹⁴ Disponível em: <http://www.r7.com/> Acesso em 25 de setembro de 2014

¹⁵ Disponível em: <http://www.estadao.com.br/> Acesso em 25 de setembro de 2014

¹⁶ Disponível em: <http://radio.estadao.com.br/player/> Acesso em 26 de setembro de 2014

¹⁷ Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/aovivo/> Acesso em 26 de setembro de 2014

¹⁸ Disponível em: <https://online.journalism.utexas.edu/2007/papers/Domingo.pdf> Acesso em 26 de setembro de 2014

¹⁹ Disponível em: <http://www.20minutos.es/> Acesso em 26 de setembro de 2014

novas habilidades, como a produção de animação gráfica, filmagem, dentre outras (DOMINGO, 2007).

Um dos principais impactos da convergência jornalística é a redefinição de papéis, funções e habilidades nas rotinas de produção. Hoje, o jornalista precisa ter outras competências para além da habilidade de escrever textos, de modo que possa produzir assim conteúdos para diferentes mídias e utilizando tecnologias específicas nesses processos (DOMINGO, 2007).

Nem todos os repórteres possuem múltiplas habilidades, mas há cada vez uma demanda por novas competências dentro das corporações midiáticas, e os profissionais que têm habilidades com a fotografia, a edição de vídeo e a edição de fotos, para além da redação de textos, terão mais chances de conseguir emprego. Um exemplo da multiplicidade de funções é a *Agência Catalã de Notícias*²⁰, da Espanha. Nesta agência, cada jornalista realiza filmagens, capta áudios e fotografias, escreve os textos e os envia para o site. Antes de ser publicada na página, os editores checam todas as partes da matéria antes de distribuí-la como conteúdo na *home* (DOMINGO, 2007).

No contexto da convergência jornalística, os veículos e corporações midiáticas não apenas incorporam uma multiplicidade de conteúdos, mas também produzem informação para consumo em diferentes meios. Hoje, a produção jornalística multiplataforma gera conteúdo para consumo por meio de múltiplos meios ou dispositivos de recepção. Os avanços nas tecnologias digitais e das telecomunicações consolidaram uma forma múltipla de produção e difusão dos conteúdos, assim como suas apropriações. Uma notícia pode ser veiculada e consumida de forma simultânea através de qualquer meio baseado no uso de tecnologias digitais (web, RSS, telefones celulares) (SALAVERRÍA & NEGREDO, 2009).

O surgimento de dispositivos móveis (celulares, smartphones, tablets e e-readers) para a visualização de notícias e o desenvolvimento de sistemas operacionais iOS (*Apple*) e Android (*Google*), e a linguagem HTML contribuem para uma diversidade de plataformas para exibição de conteúdos e acesso à informação. A emergência das novas plataformas para a difusão de conteúdo jornalístico permitiu a construção de aplicativos direcionados especialmente para tablets, smartphones e outras tecnologias móveis. Os aplicativos *O Globo a Mais*, do jornal *O Globo*, e *Estadão Noite*, do jornal *Estado de S.Paulo* são exemplos.

²⁰ Disponível em: <http://www.acn.cat/acn/home.html> Acesso em 24 de setembro de 2014

3.3.2 O surgimento das narrativas multimídia

Consideramos que o advento das narrativas multimídia está totalmente relacionado com a convergência jornalística, que, não apenas integrou diferentes veículos de comunicação no âmbito da produção (redações), mas também conteúdos e formatos de notícia, com a utilização de linguagens inovadoras e híbridas na forma de se transmitir a informação.

Ao iniciar os processos de convergência, as corporações midiáticas, aspiram, entre outros objetivos, a maior produção de conteúdo multimídia, ou seja, conteúdos que utilizam conjuntamente diversos códigos, como imagens, sons, fotos, textos (SALAVERRÍA & NEGREDO, 2009).

A coordenação editorial multiplataforma facilita a produção de conteúdos multimídia. Na medida em que os meios impressos, radiofônicos, televisivos e da internet põem em comum seus respectivos fluxos de produção e possibilitam com este um rápido intercâmbio de suas matérias-primas informativas - textos, fotografias, sons, vídeos e gráficos -, a produção de conteúdos multimídia se torna mais viável. Logo, pode-se afirmar que a convergência é condição necessária para o desenvolvimento da multimídia (SALAVERRÍA & NEGREDO, 2009, p. 56).

As apropriações das tecnologias digitais e a convergência jornalística trouxeram inovações na forma de se fazer jornalismo (BECKER & BARREIRA, 2013)²¹, permitindo uma integração de ferramentas, ambientes e, conseqüentemente, a construção, pelos repórteres, de conteúdos para múltiplas plataformas utilizando diferentes linguagens (SALAVERRÍA; AVILES; MASIP *apud* BECKER & BARREIRA, 2013).

Com o advento da internet, o jornalismo na web caracterizou-se primeiramente pela transposição do conteúdo dos meios de comunicação (rádios, televisões, jornais e revistas) para seus respectivos sites. O site do canal por assinatura *Globonews*²² abriga as principais reportagens desse canal, o site do jornal *Folha de S. Paulo*²³ disponibiliza a maiorias das matérias veiculadas no jornal impresso, o site da *Rádio Globo*²⁴ disponibiliza os áudios das principais matérias dessa emissora.

²¹ Disponível em: <http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/587> Acesso em 14 de setembro de 2014

²² Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/index.html> Acesso em 23 de setembro de 2014

²³ Disponível em: <http://www.folha.uol.com.br/> Acesso em 19 de setembro de 2014

²⁴ Disponível em: <http://radioglobo.globo.com/home/HOME.htm> Acesso em 23 de setembro de 2014

No entanto, as possibilidades oferecidas pela internet e os avanços tecnológicos permitiram que o jornalismo online transcendesse a simples reprodução de conteúdos do rádio, televisão e meios impressos no ambiente digital. Com base na convergência entre texto, som e imagem, o jornalismo online hoje explora as possibilidades oferecidas pela web permitindo novas formas de interação do público com a notícia e de percepção dos acontecimentos. Se as notícias em vídeo, texto e áudio são apenas reproduzidas nas páginas da web, consistem apenas extensões dos meios de comunicação já consolidados. No entanto, se forem integradas, passam a destacar cada detalhe das notícias por meio dos elementos mais representativos (BARBOSA; NORMANDE; ALMEIDA, 2014)²⁵.

As narrativas multimídia são a nomenclatura para as narrativas onde são utilizados simultaneamente, diversos códigos como imagens, sons, vídeos, gráficos e textos. Segundo Salaverría e Negredo (*apud* BECKER & BARREIRA 2013, p.76), estas narrativas são produtos unitários e polifônicos com conteúdos expressos em diversos códigos textuais, nos quais imagens, sons e textos não são apenas justapostos, mas reunidos de forma integrada na transmissão da informação. Essa nova linguagem é fruto das apropriações digitais e oriunda da convergência jornalística. É preciso ressaltar que as narrativas multimídia não são exclusivas do campo do jornalismo. Os games, conteúdos didáticos ou literários disponibilizados em multiplataformas são alguns desses exemplos. Porém, as narrativas multimídia jornalísticas são singulares e constituem-se como um gênero específico, reunindo dois subgêneros: as reportagens multimídia e os webdocumentários. As reportagens multimídia tendem a relatar acontecimentos jornalísticos combinando diferentes códigos de maneira inventiva, mas de forma mais objetiva do que os webdocumentários, os quais sugerem uma abordagem subjetiva dos acontecimentos jornalísticos e também tratam de outras temáticas e fenômenos culturais.

Sites de notícias de distintos continentes, como o norte-americano *New York Times*²⁶, o argentino *Clarín*,²⁷ o britânico *The Guardian*, o espanhol *El Mundo*²⁸ e o português *Público*²⁹ já oferecem ao leitor narrativas multimídia jornalísticas, convergindo diferentes

²⁵ Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/artigo_gtjornalismo_sbarbosa_naara_yuri_2238.pdf
Acesso em 19 de setembro de 2014

²⁶ Disponível em: <http://www.nytimes.com/> Acesso em 18 de setembro de 2014

²⁷ Disponível em: <http://www.clarin.com/> Acesso em 19 de setembro de 2014

²⁸ Disponível em: <http://www.elmundo.es> Acesso em 19 de setembro de 2014

²⁹ Disponível em: <http://www.publico.pt/> Acesso em 31 de outubro de 2014

códigos, como vídeos, sons, textos, imagens, e permitindo a interação com o público (CASTRO, 2013).

No Brasil, a produção das narrativas multimídia jornalísticas ainda é limitada, mas páginas da web como *UOL*³⁰ e da *Folha de S.Paulo* já oferecem este novo formato. A primeira produziu uma reportagem especial *Terremoto no Japão*³¹ sobre a catástrofe no território nipônico em março de 2011, que provocou um tsunami devastando várias cidades. A segunda produziu o especial *A Ditadura Militar*³², sobre o regime ditatorial brasileiro, em razão dos 50 anos do golpe militar de 1964.

Uma das mais chamativas reportagens multimídia produzidas foi *Snow Fall*³³, no site do jornal *New York Times*. *Snow Fall*, que em português significa nevasca, é um relato jornalístico inovador sobre uma avalanche no estado de Washington, no norte dos Estados Unidos, em fevereiro de 2012, na qual morreram três dos 16 atletas que praticavam *snowboard* e esqui nas encostas do vale *Tunel Creek*, nas montanhas *Cascade*. A reportagem foi publicada em dezembro de 2012 e obteve grande reconhecimento mundial, por sua linguagem inovadora, que une áudio, vídeo, texto, fotos e animações. Em abril de 2013, *Snow Fall* ganhou na categoria *Feature Writing* o *Pulitzer*, a mais importante premiação jornalística dos Estados Unidos (BECKER & BARREIRA, 2013).

Snow Fall obteve grande êxito não só pelo formato inovador, mas também pelo aprofundamento na apuração do fato e pela interatividade com o público. Uma característica marcante dessa narrativa, como em outras narrativas multimídia jornalísticas, é permitir que o público possa decidir o conteúdo e o formato que quer assistir e quando quer assistir em sua navegação, seja um texto verbal, um vídeo ou um áudio. Além disso, *Snow Fall*, como várias outras narrativas multimídia, permite que o público possa, por meio das mídias sociais, compartilhar o link de acesso dessas reportagens no Facebook e no Twitter.

³⁰ Disponível em: <http://www.uol.com.br/> Acesso em 18 de setembro de 2014

³¹ Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/1-ano-terremoto-no-japao/> Acesso em 18 de setembro de 2014

³² Disponível em: <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2014/03/23/o-golpe-e-a-ditadura-militar/> Acesso em 19 de setembro de 2014

³³ Disponível em: <http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/#/?part=tunnel-creek> Acesso em 17 de setembro de 2014

3.3.3 Multimídia, interatividade, hipertextualidade e memória

As características principais das narrativas multimídia jornalísticas são a multimídia, que possibilita a reunião de diferentes códigos textuais na produção de relatos; a interatividade, que permite que o leitor possa interagir e participar de alguma forma da narrativa; a hipertextualidade, que é a interconexão disponibilizada entre conteúdos e formatos por meio de links, a qual oferece ao leitor a oportunidade de realizar um percurso de leitura próprio e não linear dos textos em sua navegação, e a memória, que é a capacidade de armazenamento das informações em bancos de dados. A multimídia é a característica mais importante das narrativas jornalísticas multimídia e é definida por Salaverría e Negredo (2009) como a aptidão de exibir conteúdos multimídia, ou seja, comunicar-se por meio de uma hibridização de códigos e linguagens distintas, como textos, imagens, sons, gráficos e infográficos. Mas cada narrativa explora a multimídia e as demais características das narrativas jornalísticas multimídia de diferentes formas, as quais também serão devidamente discutidas em seguida.

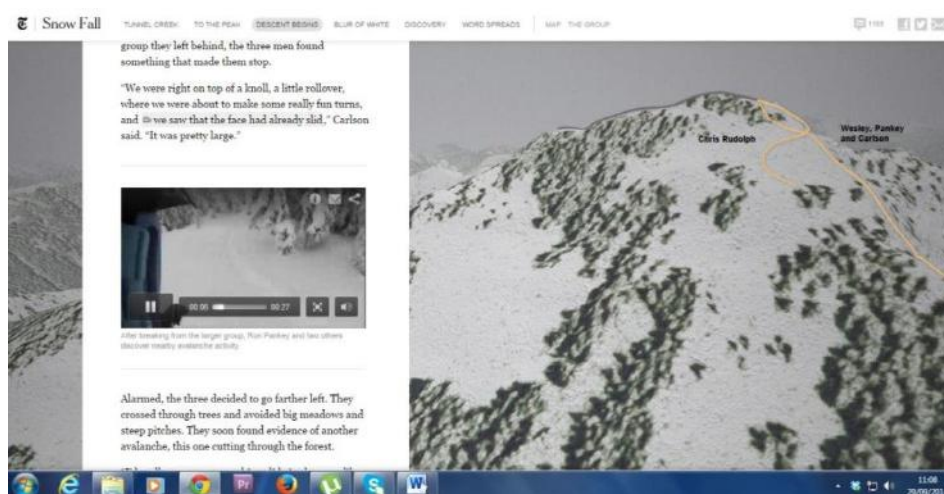
Na narrativa *Snow Fall* (<http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/#/?part=tunnel-creek>), a grande base para a construção do relato jornalístico é o texto, dividido em seis seções onde o leitor pode saber mais sobre diferentes aspectos da tragédia: “Tunnel Creek”- uma introdução contextualizando o acontecimento e um pouco sobre a história do vale do *Tunnel Creek*, “To The Peak” - que conta um pouco da vida de alguns personagens que estavam presentes na catástrofe, além de oferecer explicações científicas sobre a formação das avalanches e informações sobre o trajeto para chegar ao topo do vale, “Descent Begins”- parte da reportagem dedicada ao percurso dos atletas que desciam o vale do *Tunnel Creek* no dia do ocorrido, “Blur of White”- com relatos do momento exato de quando a neve deslizou, “Discovery”- momento do texto multimídia que destaca a recuperação dos corpos soterrados pela neve e “Word Spreads”- última seção da matéria sobre a repercussão da tragédia, especialmente para pessoas que perderam seus entes.

O especial do *New York Times* também conta com vídeos, fotos, animações e áudios. Os vídeos exibem depoimentos de pessoas que escaparam da avalanche e outras que perderam parentes pela tragédia, além de filmagens feitas pelos sobreviventes esquiando no dia da catástrofe (antes da avalanche) e uma entrevista com um meteorologista analisando como podemos prever a ocorrência destes deslizamentos de neve.

Uma reportagem de 10m56s, intitulada “The Avalanche At Tunnel Creek” está inserida nesta narrativa multimídia, unindo o material que já fora exibido: depoimentos dos sobreviventes, do meteorologista, filmagens feitas no dia da tragédia e uma animação que explica o percurso da avalanche e simultaneamente o percurso de esquiadores que não foram atingidos pelo deslizamento. Todo o material é acompanhado de uma narração em off. *Snow Fall* disponibiliza também áudios, como o da conversa pelo telefone entre a esposa de uma das vítimas e representantes da emergência médica, ou da conversa de sobreviventes com os call-centers 911.

A *printscreen* de *Snow Fall* a seguir (Figura 1) revela a presença do texto (à esquerda), a principal base da informação deste especial, além de um vídeo, também à esquerda, com imagens feitas por esquiadores no dia da tragédia. Ao lado direito, há uma animação com linhas amarelas que exibem os percursos feitos pelos esquiadores no *Tunnel Creek* no dia da avalanche. Na parte de cima da tela, podemos ver os links para as seis seções que dividem o especial, e ao lado, mais dois links, um intitulado “Map” para o acesso ao mapa do *Tunnel Creek* e outro intitulado “The Group” com fotos de todos os atletas que estavam no vale no dia da tragédia.

Figura 1: *Snow Fall* – Texto, vídeo e animação³⁴

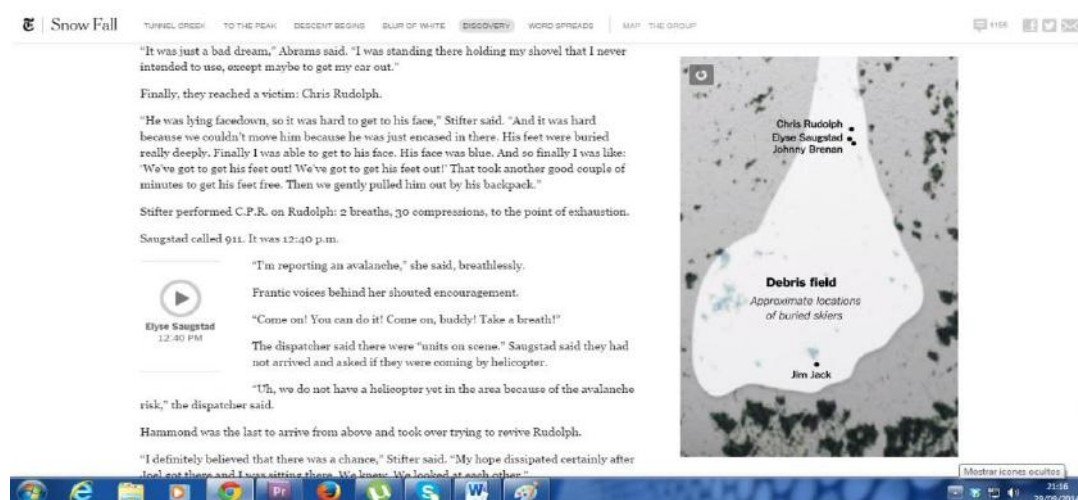


A Figura 2 a seguir mostra a combinação do texto escrito com o player de um dos áudios (à esquerda) na composição desta narrativa, o qual o áudio corresponde a uma ligação telefônica da sobrevivente Elyse Saugstad para o serviço de emergência 911. No lado direito,

³⁴ Disponível em <http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/#/?part=descent-begins>: Acesso em 17 de setembro de 2014

há uma animação que demonstra tanto o percurso da avalanche quanto o local aproximado onde quatro pessoas foram soterradas.

Figura 2: *Snow Fall* – Texto, áudio e animação³⁵



Por meio do exemplo de *Snow Fall*, compreendemos que a multimídia permite mesmo unir várias linguagens de comunicação para trazer ao público uma informação mais apurada. As narrativas multimídia jornalísticas apresentam uma diversidade de códigos (vídeos, textos, fotos, gráficos e infográficos, áudios) que contribuem para trazer um relato mais aprofundado dos acontecimentos jornalísticos.

Já a interatividade abre espaço para que o público tenha uma participação mais ativa na construção dos sentidos da narrativa. As narrativas multimídia jornalísticas permitem diferentes maneiras de interação, como o envio de comentários, compartilhamento nas mídias sociais ou conteúdos interativos. Essa característica possibilita uma maior autonomia do receptor e um diálogo entre recepção e produção, consolidando essa troca de informações como um dos aspectos mais relevantes desses novos formatos.

A reportagem multimídia *NSA Files: Decoded*³⁶, do jornal britânico *The Guardian* e lançada em novembro de 2013 é interativa, porque permite o compartilhamento nas mídias sociais e também disponibiliza conteúdos interativos. O especial aborda com profundidade os desdobramentos das revelações do analista de sistemas Edward Snowden, em junho de 2013,

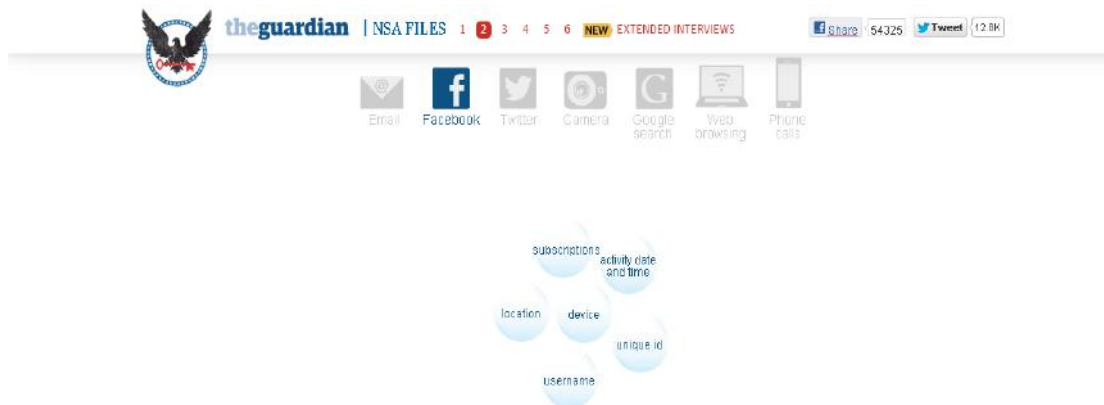
³⁵ Disponível em: <http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/#/?part=discovery> Acesso em 17 de setembro de 2014

³⁶ Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/interactive/2013/nov/01/snowden-nsa-files-surveillance-revelations-decoded#section/1> Acesso em 21 de setembro de 2014

sobre os detalhes que constituem os programas de vigilância global da NSA, a Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos.

Como exemplo de conteúdo interativo, esta reportagem disponibiliza um infográfico com as informações pessoais que qualquer pessoa pode, sem saber, compartilhar ao utilizar o seu email, Facebook, Twitter, câmera fotográfica, a barra de procura do Google, navegação na web e chamadas telefônicas. Em cada opção disponibilizada, o espectador pode descobrir quais informações está compartilhando. Ou seja, ao clicar no logo do Facebook, surgem abaixo dados que podem estar sendo “vazados” quando utilizamos esta rede social: nome do usuário, local de residência, data e horário de suas atividades nesta rede social, entre outros. Ao clicar no símbolo do Twitter, surgem os dados que qualquer indivíduo possa estar revelando ao usar essa mídia social: data de criação da conta, as localizações de onde foram feitos os tweets, as contas dos seguidores e das pessoas que o usuário segue. Essas possibilidades estão representadas na Figura 3 a seguir.

Figura 3: Conteúdo interativo do *NSA Files* – dados vazados³⁷



Em outra parte de *NSA Files: Decoded*, o espectador pode descobrir o número de conexões por cabo de fibra óptica entre os países. O leitor seleciona, por meio de uma barra,

³⁷ Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/interactive/2013/nov/01/snowden-nsa-files-surveillance-revelations-decoded#section/2>. Acesso em 21 de setembro de 2014

um país e descobre quantas nações esse país se conecta por cabos de fibra óptica. Abaixo da barra, há um mapa interativo do planeta Terra, que vai iluminar em vermelho as nações que o país selecionado está conectado por cabos de fibra óptica. A Figura 4 abaixo mostra os países que se conectam aos Estados Unidos:

Figura 4: Conteúdo interativo do *The Guardian* - conexões em fibra óptica entre os países³⁸



Por meio dos exemplos de *NSA Files: Decoded*, concluímos que, em algumas narrativas multimídia jornalísticas, a interação pode estar além do envio de comentários e de compartilhamentos, mas também oferece ao público a oportunidade de participar e interagir com o conteúdo.

A hipertextualidade, outra característica dessas narrativas, é a capacidade de interconectar as informações. A partir da leitura de um texto, o espectador pode, por exemplo, assistir ou ser direcionado para outros textos, outros conteúdos (fotos, imagens, vídeos, infográficos), ou a outros sites relacionados ao assunto tratado ou ao material de arquivo do jornal (CANAVILHAS; BARDOEL & DEUZE *apud* PALACIOS, 2004)³⁹.

³⁸ Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/interactive/2013/nov/01/snowden-nsa-files-surveillance-revelations-decoded#section/3> Acesso em 21 de setembro de 2014

³⁹ Disponível em: http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm Acesso em 3 de outubro de 2014

A hipertextualidade permite a expansão do acesso aos conteúdos e formatos informativos por meio de links. Os textos oferecem informações complementares e diferentes direcionamentos, possibilitando que o leitor construa o seu próprio percurso de leitura por meio de diferentes conexões. A partir de um texto, o leitor pode acessar outro texto, ou um vídeo, ou um gráfico, que assim abrem diferentes caminhos. Dessa forma, o internauta ganha um papel proativo na notícia (CANAVILHAS, 1999)⁴⁰, e a hipertextualidade torna as narrativas não lineares. Ou seja, pela diversidade de conteúdo complementar e de links que direcionam para outros textos, o leitor pode escolher o que quer ver e quando quer ver, e assim não há uma linearidade típica do cinema ou da televisão.

Nas reportagens multimídia *Snow Fall* e *NSA Files: Decoded*, o leitor tem acesso a diferentes conteúdos: áudios, vídeos, infográficos. O especial do *The Guardian* também oferece documentos em anexo e links para notícias do próprio jornal e de outros veículos e que tenham relação com o assunto principal, no caso, as revelações de Edward Snowden.

Portanto, a hipertextualidade é a característica que identifica conexões entre os textos com outros conteúdos suplementares e a ele relacionados, de modo que o leitor construa seu próprio caminho de leitura. Na Figura 5 a seguir, temos um exemplo de hipertextualidade, na reportagem multimídia *25 años sin Muro*⁴¹, do site espanhol *El Mundo*, produzido em 2014 e que fala sobre os 25 anos da queda do Muro de Berlim. Na seção “Epícentro”, há uma série de fotos de políticos relacionados com o período da Guerra Fria e, conseqüentemente, relacionados à construção, ou preservação ou queda do Muro de Berlim. Há fotos dos ex-presidentes norte-americanos J.F Kennedy e Ronald Reagan, do ex-primeiro-ministro britânico Winston Churchill, do ex-papa João Paulo II, do ex-líder da União Soviética Nikita Krushchev, do ex-presidente da Alemanha Oriental Erich Honecker, entre outros. Ao clicar em cada foto, o leitor é direcionado para um texto sobre a influência e relação desta figura política com o Muro de Berlim, e ao lado do texto há um vídeo com imagens ou discursos desta personalidade. Este é um exemplo de hipertextualidade, porque há uma interconexão entre os textos por meio de links e ainda há vídeos que podem ser acessados como conteúdos suplementares.

⁴⁰ Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf> Acesso em 19 de setembro de 2014

⁴¹ Disponível em: http://www.elmundo.es/especiales/2009/11/internacional/muro_de_berlin/index.html Acesso em 17 de novembro de 2014

Figura 5: Hipertextualidade no especial 25 años sin Muro⁴²



Já a memória é uma característica atrelada ao armazenamento vasto de conteúdos em bancos de dados. A internet possibilitou um espaço praticamente ilimitado para informação em diferentes formatos. As narrativas multimídia jornalísticas, como no jornalismo online em geral, são extensas depositárias de informação, pela capacidade de englobar uma grande quantidade de dados que podem ser acessados a qualquer momento. Ao longo dos anos, estas narrativas se consolidam como importantes arquivos e contribuem com a memória dos acontecimentos nacionais e internacionais. Na Figura 6 a seguir, temos a *printscreen* do especial da *Folha de S.Paulo* sobre a ditadura militar no Brasil, que é um exemplo de rico acervo de dados na web.

⁴² Disponível em:

http://www.elmundo.es/especiales/2009/11/internacional/muro_de_berlin/epicentro/churchill.html Acesso em 17 de novembro de 2014.

Figura 6: *Printscreen* do especial sobre a ditadura militar - rico acervo de dados ⁴³



3.4 Os webdocumentários

Os webdocumentários são acessados pela internet e estão inseridos nos gêneros das narrativas multimídia jornalísticas, porque carregam suas mesmas características: multimídia, interatividade, hipertextualidade e memória.

A internet potencializou o acesso e o armazenamento do registro documental. O Webjornalismo ampliou as possibilidades das estruturas narrativas, explorando características do suporte digital, como interatividade, hipertextualidade, multimídia e memória, contribuindo para o aparecimento de novos gêneros jornalísticos, como o webdocumentário (RIBAS, 2003, p.3) ⁴⁴.

O webdocumentário se distingue do documentário convencional pelas especificidades do mundo digital: hipertextualidade, interatividade, multimídia e memória. Tais recursos permitem um aprofundamento maior do tema e trazem à tona outros tópicos relacionados. Dessa forma, o webdocumentário possibilita interação do espectador, que em alguns casos, até colabora com as questões envolvidas na narrativa (SPINELLI, 2013) ⁴⁵.

⁴³ Disponível em: <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2014/03/23/o-golpe-e-a-ditadura-militar/> Acesso em 19 de setembro de 2014

⁴⁴ Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol> Acesso em 9 de setembro de 2014

⁴⁵ Disponível em: <http://www.mundodigital.unesp.br/revista/index.php/comunicacaomidiatica/article/viewFile/372/210> Acesso em 2 de outubro de 2014

O jornalista Marcelo Bauer, diretor do site *Webdocumentario*⁴⁶, define os webdocumentários como um “sistema multimídia normalmente acessado pela internet, que reúne informações – textos, áudios, vídeos, fotos, ilustrações e animações – (...) permitindo ao espectador o controle na navegação, a interação e a participação” (BAUER, 2010)⁴⁷.

Segundo Jost:

O webdocumentário nos fornece opções de escapar da linearidade da narrativa convencional e construir um itinerário próprio segundo os interesses pessoais de cada um. Assim, faz dois usos da imagem: o escópico e o manual, como em um videogame que permite a entrada na história por cliques sucessivos (*apud* SPINELLI, 2013, p. 172).

No documentário, a narrativa segue um padrão linear, e a ordem do discurso não pode ser alterada, ou seja, a produção só ganha sentido se assistida de um ponto A até um ponto B, e seguimos o enredo estabelecido pelo autor. No webdocumentário as ordens do conteúdo são alteradas pela preferência do espectador, que estabelece os percursos que seguirá dentro da narrativa (GIFREU, 2011)⁴⁸.

O documentário só estabelece um tipo de participação com o público, a interpretação mental e reflexão do conteúdo que foi exibido, enquanto que o webdocumentário não exige apenas a interpretação do que foi visto, mas também uma participação direta do espectador, que determina sua própria construção da narrativa (GIFREU, 2011).

Apesar das diferenças, os webdocumentários possuem características típicas dos documentários. Se grande parte dos webdocumentários é elaborada a partir dos acontecimentos jornalísticos, como referido, parte expressiva também é construída a partir de temáticas não vinculadas a esses acontecimentos, elaboradas a partir de uma ênfase na subjetividade do realizador, que, como nos documentários, foge da objetividade jornalística para abordar outras temáticas e fenômenos culturais. Além disso, estas narrativas interativas possuem um teor autoral típico da linguagem documental, ou seja, há uma parcialidade maior, e a opinião do autor pode ser mais visível ao longo da exibição, pelo menos mais do que no discurso jornalístico, no qual a imparcialidade deve, em tese, servir como uma das principais diretrizes.

⁴⁶ Disponível em: <http://webdocumentario.com.br/> Acesso em 23 de setembro de 2014

⁴⁷ Disponível em: <http://webdocumentario.com.br/webdocumentario/index.php/para-saber-mais/mas-afinal-o-que-e-webdocumentario/> Acesso em 2 de outubro de 2014

⁴⁸ Disponível em: https://www.academia.edu/1491044/The_Interactive_Documentary_Definition_Proposal_and_Basic_Features_of_the_New_Emerging_Genre Acesso em 4 de outubro de 2014

Tanto os webdocumentários quanto as reportagens multimídia estão inseridos no gênero das narrativas multimídia jornalísticas e constroem narrativas a partir de acontecimentos jornalísticos. Porém, possuem características particulares que os diferenciam, pois os webdocumentários abordam estes acontecimentos de forma mais autoral, e, se diferenciam das reportagens multimídia porque também podem ser construídos a partir de temáticas mais diversas sob o olhar subjetivo do realizador.

Os especiais *Snow Fall* e *NSA Files: Decoded* são reportagens multimídia e estão diretamente relacionados a fatos jornalísticos de grande repercussão. O primeiro foi realizado em razão da avalanche no vale do *Tunel Creek* e o segundo pelas informações confidenciais reveladas por Edward Snowden.

Já os webdocumentários podem estar relacionados com fatos, mas também com temas que não estão ligados diretamente a acontecimentos jornalísticos, e que não estão presentes nas pautas da mídia. Como exemplo, *Prison Valley*⁴⁹, documentário interativo francês, produzido em 2009 por David Dufresne & Philippe Brault, sobre *Cañon City*, cidade no Colorado, Estados Unidos, que possui 13 presídios.

Prison Valley é um documentário altamente interativo, onde a grande base para a informação está no vídeo. O internauta pode ter acesso ao conteúdo preenchendo um formulário ou por meio de Facebook ou Twitter, utilizando seu login e senha. O espectador assiste a um filme dividido por uma introdução e nove capítulos, com entrevistas de, entre outros personagens, moradores da cidade, de um xerife da região, da esposa de um presidiário, de uma presidiária, de um dos diretores dos presídios, junto a imagens da região e dos presídios, por dentro e por fora. Em *Prison Valley*, diferentemente de outros webdocumentários, o público não pode escolher qual capítulo do filme quer ver, ou seja, por exemplo, para assistir ao capítulo 2 é preciso assistir todo o capítulo 1.

Porém, esta limitação não torna a narrativa linear. Após todos os capítulos, aparecem links onde o público pode acessar informações complementares. E, na introdução, o webdocumentário exibe imagens de um hotel da cidade, entrevistando a dona deste estabelecimento, uma imigrante polonesa, e em seguida o espectador pode decidir se volta a ver o filme ou se entra em uma simulação de quarto de hotel. Se decidir pela segunda opção, pode ser direcionado para diferentes caminhos. No quarto do hotel, em cima da cama, há um link que, se clicado, disponibiliza uma série de cartões postais para o espectador. Cada um desses cartões, se clicados, contém entrevistas, imagens, slides ou textos de *Prison Valley*, e

⁴⁹ Disponível em: <http://prisonvalley.arte.tv/?lang=en> Acesso em 18 de setembro de 2014

um cartão especificamente contém diversas estatísticas: sobre presos nos EUA, sobre a saúde de presidiários na França, sobre as equipes que trabalham nos presídios norte-americanos, e dados específicos sobre a França e os EUA relativos ao orçamento para o sistema carcerário, sobre o trabalho dos presidiários e das prisões privadas.

Também no quarto, há a imagem de um notebook, que se clicada, direciona o leitor para quatro links: um oferece acesso a *chats* com outros espectadores, outro disponibiliza o contato de alguns personagens da narrativa, o terceiro permite a participação ou criação de discussões com internautas e o quarto link disponibiliza acesso ao blog de *Prison Valley*. No meio do quarto, há uma estante, que, se clicada, também disponibiliza aos usuários contatos de alguns personagens da produção.

Os fóruns de discussão em *Prison Valley* também podem ser acessados por um botão na parte de baixo da tela, disponibilizado quase que permanentemente durante o webdocumentário (só não são disponibilizados na introdução). Ao lado deste botão, há outros dois botões quase permanentes, um destes permite envio de comentários para outros espectadores e ou outro permite o compartilhamento de seu comentário pela mídia social de acesso (Facebook ou Twitter).

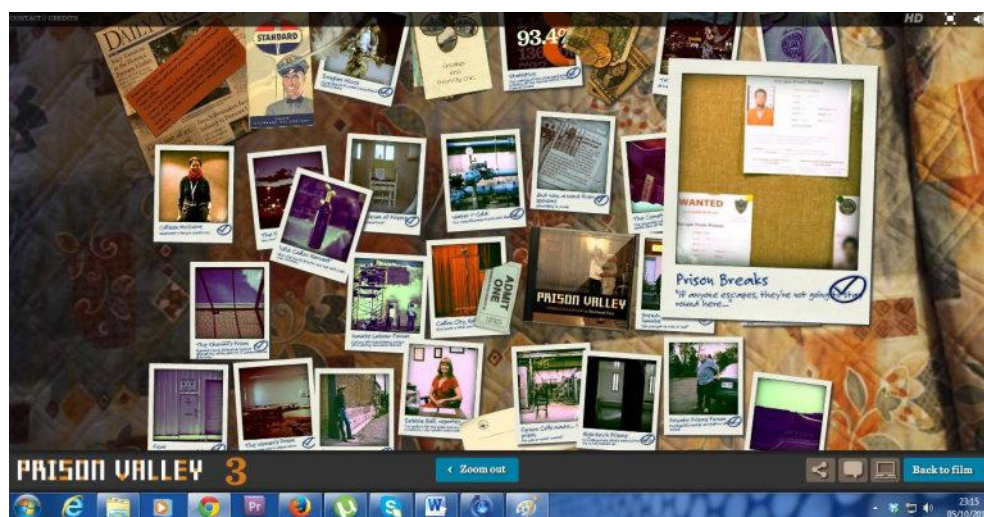
Além do envio de comentários e criação de grupos de discussão, *Prison Valley* também permite que o público se envolva diretamente com o conteúdo. Uma das partes da narrativa⁵⁰, após o capítulo 6, exibe vídeos de moradores de *Cañon City* dizendo o que mais sentem medo, mas os espectadores também podem enviar vídeos comentando seus temores. As Figuras 7 e 8 a seguir ilustram algumas partes deste webdocumentário:

⁵⁰ Disponível em: <http://prisonvalley.arte.tv/en/#/what-is-fear-for-you/> Acesso em 18 de setembro de 2014

Figura 7: Simulação de quarto de hotel em *Prison Valley*⁵¹



Figura 8: Os cartões postais em *Prison Valley*⁵²



O webdocumentário brasileiro *Rio de Janeiro-Autorretrato*⁵³, de 2011 e dirigido por Marcelo Bauer, relata o trabalho de três fotógrafos do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. A produção se divide em quatro partes, das quais o espectador pode escolher qual prefere assistir e assim define a ordem de sua preferência. Cada parte corresponde a um vídeo com entrevistas dos fotógrafos e imagens: “Vida Cotidiana”, sobre a infância e vida presente dos entrevistados, “Sonhos”, sobre as razões porque decidiram se tornar fotógrafos, “Pessoas”, sobre os temas preferidos dos entrevistados para capturar imagens e “Cidade”, abordando a

⁵¹ Disponível em: <http://prisonvalley.arte.tv/en/#/riviera-motel/> Acesso em 18 de setembro de 2014

⁵² Disponível em: <http://prisonvalley.arte.tv/en/#/riviera-motel/bed/> Acesso em 18 de setembro de 2014

⁵³ Disponível em: <http://www.riodejaneiroautorretrato.com.br/riodejaneiroautorretrato/dev2011/> Acesso em 23 de setembro de 2014

relação dos fotógrafos com o Complexo da Maré e com outros espaços do Rio de Janeiro. Junto aos vídeos, a produção também oferece textos com a biografia dos entrevistados, um gráfico e outros textos complementares. As Figura 9 e 10 ilustram algumas partes deste webdocumentário.

Figura 9: Menu inicial de *Rio de Janeiro-Autorretrato*⁵⁴

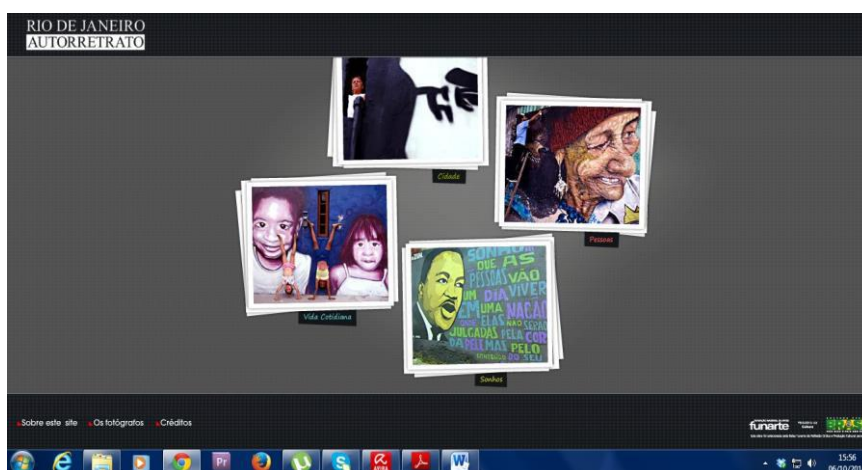


Figura 10: Vídeo, a base do webdocumentário *Rio de Janeiro-Autorretrato*⁵⁵



Já o webdocumentário francês *Brèves de Trottoirs*⁵⁶, de 2010 e dirigido por Olivier Lambert e Thomas Salva, relata a vida dos habitantes de Paris. No início, o espectador tem acesso a um mapa interativo da capital francesa com vários pontos, e cada ponto o direciona para um personagem: vendedores, artistas, motorista de ônibus, dentre outros. No menu de

⁵⁴ Disponível em: <http://www.riodejaneiroautorretrato.com.br/riodejaneiroautorretrato/dev2011/> Acesso em 23 de setembro de 2014

⁵⁵ Disponível em: <http://www.riodejaneiroautorretrato.com.br/riodejaneiroautorretrato/dev2011/> Acesso em 23 de setembro de 2014

⁵⁶ Disponível em: <http://paris-ile-de-france.france3.fr/brevdes-trottoirs/index.php/en/#/intro> Acesso em 5 de outubro de 2014

cada personagem, há um vídeo com entrevistas desta pessoa e algumas de suas fotos, um texto com informações e alguns áudios, que podem ser de entrevistas ou referentes ao dia-dia do entrevistado.

Como exemplo, ao clicarmos no menu de informação sobre o motorista Daniel, temos acesso a áudios típicos do seu cotidiano, como o som da validação de bilhetes de ônibus, um áudio gravado dentro do ônibus durante um percurso. No menu de informações sobre o músico Stephen, há o áudio de uma canção executada por ele. Sobre François, artista que lida com marionetes, há o áudio de uma de suas apresentações nas ruas. A Figura 11 ilustra o menu de informações deste webdocumentário.

Figura 11: Menu de informações de *Brèves de Trottoirs*, do personagem Stephen⁵⁷



Outro exemplo de webdocumentário, *Filhos do Vento*⁵⁸, do site do jornal português *Público* e lançado em 2013, relata a vida dos filhos de ex-combatentes portugueses com mulheres de Guiné-Bissau, os “filhos do vento”, que nasceram no período da guerra de independência guineense, entre 1963 e 1974 e hoje vivem na ex-colônia. A narrativa tem como uma das duas bases informativas um longo texto, “Em busca do pai tuga”, contando um pouco da história de alguns guineenses filhos de pais portugueses e a busca por seus progenitores, além de informações da guerra entre a metrópole portuguesa e a colônia africana. Este texto pode ser acessado em um link na parte superior da narrativa, onde também

⁵⁷ Disponível em: <http://paris-ile-de-france.france3.fr/brevesdetrottoirs/index.php/en/#/stephen> Acesso em 5 de outubro de 2014

⁵⁸ Disponível em: <http://www.publico.pt/filhos-do-vento> Acesso em 31 de outubro de 2014

há fotos de alguns “filhos do vento”, e ao clicar em cada foto surgem dados sobre o respectivo personagem.

Na parte inferior identifica-se uma segunda base informativa, três vídeos que contam um pouco da história de alguns “filhos do vento”, com entrevistas e imagens de seu cotidiano e de suas famílias. Ao lado dos vídeos, mais um link que direciona o espectador para o texto “Em busca do pai tuga”, e ao lado outro link, “nós existimos, fomos abandonados, somos muitos” que disponibiliza fotos dos personagens. Também na parte inferior, há uma série de comentários enviados pelo público e que são divididos em quadrados, os testemunhos, exemplo de interatividade desta produção e dos webdocumentários em geral. No canto esquerdo, o espectador pode deixar seu nome, email e escrever seu testemunho. As Figuras 12 e 13 ilustram as partes de *Filhos do Vento*.

Figura 12: Parte superior de *Filhos do Vento*⁵⁹

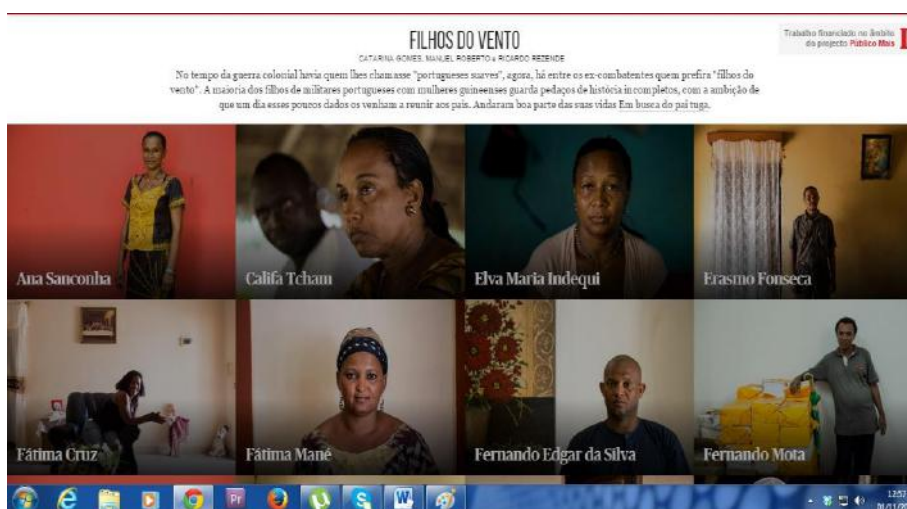


Figura 13: Os testemunhos e vídeos na parte inferior de *Filhos do Vento*⁶⁰



⁵⁹ Disponível em <http://www.publico.pt/filhos-do-vento> Acesso em 31 de outubro de 2014

⁶⁰ Disponível em: <http://www.publico.pt/filhos-do-vento> Acesso em 31 de outubro de 2014

Filhos do Vento se diferencia dos outros webdocumentários aqui citados por sua temática, baseada em um acontecimento jornalístico, que foi a guerra da independência de Guiné-Bissau. A narrativa é construída a partir de um fato concreto, diferentemente das produções *Rio de Janeiro-Autorretrato*, *Brèves de Trottoirs* e *Prison Valley*, que partem de temas não relacionados a acontecimentos jornalísticos. O que diferencia *Filhos do Vento*, e outros webdocumentários baseados em acontecimentos jornalísticos, das reportagens multimídia, é o fato que os primeiros fazem uma releitura mais autoral desses fatos, investindo na subjetividade do olhar dos realizadores. Os vídeos de *Filhos do Vento* não estão centrados apenas nas entrevistas, mas também em imagens do cotidiano dos entrevistados, enquanto os vídeos das reportagens multimídia são próximos das características de linguagem das reportagens de televisão, mais baseados em entrevistas e com narrações em off, e portanto, mais objetivos e menos autorais.

Por meio desses exemplos, percebemos que os temas dos webdocumentários podem ser mais subjetivos, e nem sempre estão relacionados a acontecimentos jornalísticos como nas reportagens multimídia. Os temas demonstrados - fotógrafos do complexo da Maré, uma cidade nos EUA com 13 presídios ou os personagens de Paris - não são temas relativos a um fato social específico transformado em acontecimento jornalístico, mas sim a assuntos e olhares mais subjetivos.

Assim, foi possível verificar que as reportagens multimídia e os webdocumentários têm algumas diferenças. Porém, ao mesmo tempo, também guardam muitas semelhanças, especialmente nas suas principais características e linguagem: hipertextualidade, interatividade, multimídia e memória. Por essa razão, se constituem como subgêneros das narrativas multimídia jornalísticas.

Dessa forma, concluímos que o webdocumentário pode relatar acontecimentos jornalísticos como a reportagem multimídia, mas também pode ser construído a partir de abordagens mais subjetivas de outras temáticas marcadas pela percepção do realizador na construção do conteúdo, o que lhe atribui características próprias e o distingue como um subgênero das narrativas multimídia jornalísticas.

Não apenas pelas características da multimídia, da interatividade e da hipertextualidade que constituem-se como marcas comuns das narrativas multimídia, mas também pelo modo de tratar a informação, o webdocumentário permite construir traduções e leituras de questões relevantes para a sociedade com qualidade estética e de conteúdo, pois traz ao público informações bem apuradas, aprofundadas e diversificadas. Os avanços no uso

de mídias digitais permitiu o uso de linguagens não lineares, atraindo os espectadores, que têm acesso a diferentes códigos (vídeos, sons, infográficos, textos), e contextualizando o tema relatado e tópicos relacionados.

E o reconhecimento da inovação desse formato informativo demanda uma necessária reflexão sobre o ensino e a produção dos webdocumentários nas universidades. Os cursos de ensino superior na área de Comunicação podem colaborar para o descobrimento de novas maneiras de elaborar informações e conhecimentos em formatos e conteúdos mais críticos e criativos, o que corresponde à reflexão proposta no próximo capítulo, a partir da experiência do TJ UFRJ.

4. DESAFIOS DO ENSINO DO JORNALISMO

Na primeira etapa da metodologia adotada nesta pesquisa, realizamos uma reflexão crítica sobre as características de linguagem das narrativas multimídia jornalísticas e conseqüentemente dos webdocumentários. Assume-se como a hipótese desta investigação, como referido na Introdução deste trabalho, que essas linguagens são originais porque apresentam inovações estéticas e, ao mesmo tempo, podem trazer ao público uma informação mais aprofundada sobre os acontecimentos jornalísticos e outros temas abordados. Por isso, a oportunidade de aprender a pensar e a fazer esses formatos constitui-se processo de aprendizagem relevante na formação dos estudantes de Comunicação e de Jornalismo. Assim, este quarto capítulo apresenta parte dos resultados da segunda etapa da metodologia, constituída por quatro fases distintas: uma discussão da importância dos laboratórios no Ensino da Comunicação e do Jornalismo, amparada por novas obras de referência sobre o tema; o resgate da história do laboratório Telejornal da Escola de Comunicação da UFRJ (TJ UFRJ)⁶¹; o relato da construção do webdocumentário *(Des)Ocupações*, produzido pelos próprios bolsistas do projeto e a avaliação de alunos da ECO-UFRJ sobre a importância dessa linguagem na formação dos futuros profissionais por meio de um estudo de recepção.

Essa avaliação das interações dos estudantes consiste na sistematização de dados extraídos de pesquisa anterior sobre o webdocumentário, realizada por mim em 2014 em conjunto com os estudantes Daniel Araújo Mendonça e Leandro Barreto, sob a orientação da professora da ECO-UFRJ, Kátia Augusta Maciel, e cujos resultados foram apresentados no Congresso de Extensão da UFRJ. O principal objetivo dessa pesquisa era analisar a reação dos alunos da ECO-UFRJ com o webdocumentário *(Des)Ocupações*, até mesmo por ser uma forma inovadora e ainda pouco conhecida de narrativa no Brasil. Além disso, entre outros aspectos, o estudo pretendia apurar a relevância dessa linguagem, para os alunos, na formação acadêmica. Para alcançar os resultados pretendidos nessa pesquisa anterior, foram aplicados questionários sobre o webdocumentário feito pelo TJ UFRJ em quatro turmas, das habilitações de Jornalismo e Publicidade e Propaganda. Para esta monografia, foram destacadas e sistematizadas apenas as perguntas e respostas diretamente associadas à hipótese deste trabalho, de modo que fosse possível avaliar se os estudantes acreditam que o webdocumentário permite apresentar as informações com maior qualidade e diversidade do que outros tipos de relatos e discutir a importância do webdocumentário para a formação dos estudantes, a partir de seus próprios pontos de vista.

⁶¹ Disponível em: www.tj.ufrj.br Acesso em 6 de outubro de 2014

Assim, o capítulo 4 discute primeiramente a formação dos estudantes de Comunicação e mudanças necessárias para que o ensino se adeque às inovações na produção jornalística. As transformações tecnológicas e a convergência jornalística requerem novas habilidades por parte dos profissionais, e estas novas capacidades não devem ser apenas adquiridas no ambiente de trabalho. É preciso que as universidades preparem os estudantes, possibilitando que estes desenvolvam novas habilidades e assim se tornem mais preparados e atualizados tanto para atenderem às demandas das empresas quanto para poderem atuar em novos campos de trabalho com mais autonomia e conhecimento. Os estudantes devem ter ambientes de aprendizado de suas futuras práticas profissionais que lhes permitam reconhecer e utilizar linguagens como as reportagens multimídia e os webdocumentários. Tanto a produção quanto a pesquisa destas inovações são relevantes para os futuros profissionais, uma vez que estas narrativas constituem-se como novas formas de comunicação.

Ao participarem da produção de novos formatos, os alunos adquirem capacidades que podem ser diferenciais no mercado, como edição de vídeo, áudio e foto, produção de infográficos, dentre outros. E, a pesquisa acadêmica sobre estas novas linguagens ainda está em fase inicial em função do recente desenvolvimento destas narrativas. Por isso é igualmente relevante que se desenvolvam outros estudos nas universidades sobre esta temática.

Neste capítulo, também é focada a importância dos laboratórios universitários como locais de produção de conteúdos midiáticos inovadores, com foco no TJ UFRJ, projeto do qual o autor é bolsista desde abril de 2012. Assim, a monografia também é construída a partir de sua própria experiência. O TJ UFRJ sempre foi um espaço de produção audiovisual universitário e por isso torna-se também relevante resgatar sua história, suas diretrizes, atuais funções e importância para a formação dos alunos.

O quinto capítulo apresenta os resultados da terceira e quarta fases da segunda etapa da metodologia. Consiste em um estudo de caso do webdocumentário *(Des)Ocupações*, desenvolvido pelo TJ UFRJ com a participação do autor desta monografia junto com os bolsistas Ana Luiza Rigueto, Beatriz Humpheys, Daniel Araújo, Fábio Marinho, Ivete Silva, Leandro Barreto, Liz Tibau, Natália Sales, Nicolas Queiros, Priscila Cabral, Rebeca Gehren e Rodrigo Curi, sob a orientação da professora Kátia Augusta Maciel. Além disso, discute resultados sistematizados para esta pesquisa do estudo de recepção acima mencionado sobre a importância dos processos de aprendizagem das narrativas multimídia, e, especialmente, dos webdocumentários para a formação dos estudantes.

4.1 Repensando a formação profissional

Uma análise da relevância do aprendizado dos webdocumentários e de outras linguagens multimídia no desenvolvimento dos estudantes demanda debater as necessidades de reforma no ensino superior de Comunicação, de modo que possa se adequar às mudanças e novas demandas do mercado. Assim, realizamos esta discussão por acreditar que a produção de novos formatos pelos estudantes está inserida neste contexto de reforma, que deve incorporar também outros aspectos que vamos observar.

As evoluções tecnológicas atingiram e influenciaram diversos campos da atividade humana. No jornalismo, até a década de 80 o principal instrumento de trabalho era a máquina de escrever, tanto nas redações quanto nos laboratórios universitários. Menos de uma década depois, as empresas de comunicação e suas redações se informatizaram, o que demandou dos veículos uma dedicação maior ao treinamento dos jornalistas na prática de edição de texto ou de editoração gráfica. No entanto, havia uma lacuna em relação ao ensino dessas habilidades nas universidades, que não preparavam os alunos para as novas exigências no mercado de trabalho (TONUS, 2012)⁶².

Atualmente, esta lacuna ainda persiste:

Findam mais duas décadas e a lacuna tecnológica persiste, à medida que as instituições de ensino não se atualizaram tão rápida e adequadamente, seja do ponto de vista quantitativo – relação máquinas/estudantes –, seja em termos qualitativos – nível de atualização de sistemas operacionais e softwares –, enquanto até os mais modestos veículos não conseguem mais produzir sem a adoção de dispositivos informáticos que dialoguem com todo o processo produtivo, especialmente no aspecto gráfico (TONUS, 2012, p. 50).

A rapidez na expansão das tecnologias digitais fez com que os cursos de graduação de Comunicação se tornassem defasados em relação às exigências do mercado, e as propostas pedagógicas das universidades devem ser atualizadas, considerando as novas formas de produção, circulação e consumo da informação, as mudanças enfrentadas pelos profissionais e pelos próprios meios de comunicação na atualidade e as possibilidade de um aprendizado crítico e criativo das linguagens multimídia (BECKER & BARREIRA, 2013).

O jornalismo hoje demanda novas habilidades e conhecimentos, e, portanto, uma nova formação. Para que se acompanhem as transformações tecnológicas nos veículos midiáticos, é

⁶² Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2012v9n1p49/22285>
Acesso em 6 de outubro de 2014

preciso mudanças na formação dos cursos de Jornalismo e de outras habilitações da comunicação (Rádio & TV, Publicidade e Propaganda). Os estudantes devem desenvolver competências para a utilização de computadores, softwares, dispositivos móveis e seus aplicativos (TONUS,2012).

A digitalização trouxe à tona a convergência dos meios, de linguagens e consequentemente de funções. Logo, “o trabalho dos jornalistas passará a ser multitarefa, e orientado para multiplataformas, pelo que o ensino só tem uma saída: formar profissionais para esta nova realidade” (CANAVILHAS, 2009, p. 51)⁶³.

Atualmente, os avanços tecnológicos permitiram mudanças na maneira de se fazer jornalismo, que vão muito além de se escrever um texto ou tirar uma foto. Os repórteres que possuem a capacidade de gravar e editar áudios, produzir infográficos, saber manejar programas voltados ao design (*Adobe Illustrator, InDesign*) e editar vídeos ou fotos, estão mais preparados para as exigências do mercado.

Estas demandas requerem profissionais “hipermultimidiáticos”, e assim uma mudança na formação em Jornalismo, seja nos cursos presenciais, semipresenciais, pós-graduação e à distância (TONUS, 2012).

Os estudantes devem sair das universidades dominando todas as linguagens para a veiculação de notícias e conhecendo as possibilidades de convergência oriundas dos avanços tecnológicos. Segundo Meditsch (*apud* TONUS, 2012, p. 51):

A multimídia está aí, e veio para ficar. As escolas de jornalismo têm que se adequar a ela – as que não se adequaram ainda já estão bastante defasadas. Qualquer estudante de jornalismo tem que sair da faculdade dominando todas as linguagens utilizadas para a veiculação de notícias, e as possibilidades de sua combinação propiciadas pelos novos meios.

Os conteúdos multimidiáticos já são uma realidade também no Brasil, e quanto mais linguagens (rádio, TV, texto) um estudante desenvolver mais preparado estará para as demandas do mercado. É importante que os alunos não apenas conheçam diferentes linguagens, mas que também estejam inteirados sobre como a convergências de diferentes códigos pode ser utilizada na produção de narrativas multimídia jornalísticas, como as reportagens multimídia e os webdocumentários.

Para Becker e Barreira (2013), estas narrativas correspondem a novas formas de organização do pensamento e da escrita e o seu conhecimento requer “a necessidade do

⁶³ Disponível em: https://ubithesis.ubi.pt/bitstream/10400.6/717/1/ensino%20do%20jornalismo_2009.pdf
Acesso em 11 de outubro de 2014

estabelecimento de parcerias entre áreas de saber distintas, capazes de proporcionar aos estudantes domínios relativos de conteúdos e técnicas complementares importantes para a elaboração de matérias inventivas e contextualizadas, como em *Snow Fall*” (BECKER & BARREIRA, 2013, p. 89).

Neste processo de renovação no ensino dos cursos de Comunicação, as autoras consideram também necessária “a criação de relações mais dialógicas e conteúdos inter e transdisciplinares na formulação das grades curriculares, sem o esvaziamento da singularidade do jornalismo como prática social, campo de pesquisa e forma de conhecimento”(BECKER & BARREIRA, 2013, p. 89.)

Segundo Tonus (2012), para que se possam produzir novas linguagens no campo das universidades, é preciso que os softwares, hardwares e computadores cheguem às salas de aula, e assim consigam reproduzir as tecnologias utilizadas nas redações. Devem-se desenvolver nas universidades ações de manutenção e atualização destes equipamentos, com frequência não inferior a um ano, além de uma boa conexão com a internet. É preciso também instruir e permitir que os professores dominem o manejo de produções inovadoras nos meios de comunicação seja nas dimensões de criação, produção, interpretação ou técnica (TONUS, 2012).

Torna-se necessária uma infraestrutura adequada nas salas, não apenas para o desenvolvimento destas novas linguagens, mas também para o desenvolvimento de disciplinas que estejam inseridas no contexto do jornalismo digital. A falta destas condições pode comprometer seriamente o processo de aprendizagem (TONUS, 2012).

É preciso também mudanças na formulação curricular, a qual deve incorporar disciplinas atualizadas com os avanços tecnológicos. O programa da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) prevê “a abertura do currículo para incorporação, sempre que necessário, de novas disciplinas que possibilitem o acompanhamento de avanços tecnológicos e a abertura de novas modalidades de comunicação” (FENAJ *apud* TONUS, 2012, p. 53).

(...)foi possível inferir que a tecnologia digital estaria então, nos dias de hoje, impondo uma verdadeira revolução nos processos produtivos e, por decorrência, no jornalismo, exigindo a formação de um profissional com habilitações outras que não apenas as exigidas no período anterior ao domínio da era digital – quando nasceram os currículos atuais dos cursos de Comunicação. [...] com a era digital, um único profissional pode agora fazer o trabalho de muitos, com mais rapidez e melhor qualidade potencial. É o modelo econômico de mãos dadas com a tecnologia forjando um novo perfil para o profissional de imprensa (ZANOTTI *apud* TONUS, p. 54).

É essencial que a formação técnica (conhecimento sobre o que fazer) e tecnológica (sobre como fazer) devam estar vinculadas com a formação humanística. Ao mesmo tempo em que o estudante aprende a produzir um conteúdo utilizando elementos informáticos, é essencial que este reflita sobre os impactos dessas tecnologias na sociedade (TONUS, 2012).

Segundo o professor Elias Machado (*apud* BECKER & BARREIRA, 2013, p. 82), “o aperfeiçoamento dos cursos de jornalismo depende de um processo de formação articulado para que o futuro profissional possa compreender o que significa trabalhar em uma sociedade mediada pela tecnologia digital”. No entanto, o uso de tecnologias digitais no processo de aprendizagem não deve ofuscar as práticas jornalísticas tradicionais, e nem “a singularidade do jornalismo como forma de conhecimento” (BECKER & BARREIRA, 2013, p. 82).

Nesse contexto, os laboratórios de ensino e pesquisa, como o TJ UFRJ, são ambientes fundamentais para o aperfeiçoamento do ensino e, conseqüentemente, das práticas profissionais.

4.2 A relevância dos laboratórios

Neste tópico, analisaremos a importância dos laboratórios no ensino superior de Comunicação Social, e sua relevância para as mudanças necessárias nestes cursos, pois os laboratórios são espaços importantes para a aproximação com o mercado, mas também essenciais no desenvolvimento de pesquisas e de inovações no campo midiático.

4.2.1 Espaço para prática

Além de uma reforma na grade curricular, infraestrutura para as salas de aula e integrações entre disciplinas, é importante que os cursos de Comunicação ofereçam aos alunos um espaço onde possam desenvolver e treinar as habilidades específicas requeridas pelo mercado. Locais onde possam aprender e entender a rotina típica dos meios de comunicação, como televisões, jornais, agências publicitárias e rádios. Por isso, faz-se necessária a presença dos laboratórios de ensino, como ambientes de referência para o desenvolvimento de competências necessárias no dia a dia das empresas de comunicação.

Os laboratórios podem ser um importante contato dos estudantes com um ambiente similar a de um veículo de comunicação, onde se tenha prazos para fechamento de matérias, além de produção de entrevistas e de reportagens (BECKER; MATEUS; TEIXEIRA; 2012).

Esse contato é essencial para a formação acadêmica, pois aproxima o aluno do cotidiano da empresa onde poderá trabalhar.

Não é só no mercado propriamente dito que o aluno de comunicação aprende a ser profissional: ao atuar em um projeto dentro da universidade, por exemplo, o estudante adquire uma experiência muito vasta porque lida com situações tão delicadas quanto as do mercado e tem, efetivamente, a oportunidade de aprender a exercer a profissão, seja nas funções de repórter, repórter cinematográfico, editor e orientado por um profissional, no caso o professor, que conhece a lógica do mercado (BECKER; MATEUS; TEIXEIRA, 2012, p. 105).

É por meio da prática que os alunos de Jornalismo descobrirão as dificuldades de produzir uma matéria: entrar em contato com as fontes e marcar entrevistas, da construção do texto, do manejo de equipamentos, entre outras barreiras. Os laboratórios nas universidades são espaços de treinamento que preparam os alunos para os métodos de trabalho nas empresas de comunicação, e, por meio deste treinamento é “que é possível descobrir soluções para os problemas, experimentar incertezas e ter curiosidades” (BECKER; MATEUS; TEIXEIRA, 2012, p. 105).

Por isso, a presença de laboratórios nos cursos é fundamental para a formação dos estudantes, uma vez que podem contar com um espaço onde adquirem não apenas habilidades exigidas para atuarem no mercado como futuros profissionais, mas onde também são estimulados a desenvolver a reflexão crítica sobre os processos de comunicação e a experimentar novas linguagens na elaboração de seus projetos.

4.2.2 Integração entre teoria e prática

Aliado à aproximação com o mercado, é necessário que os cursos ofereçam aos estudantes a discussão do jornalismo e da Comunicação como forma de mediação e a oportunidade de integrar a teoria e a prática nos processos de aprendizagem pela leitura ou produção de seus próprios textos (BECKER; MATEUS; TEIXEIRA, 2012). Acreditamos que os laboratórios podem ser também um local importante para que os alunos compreendam o seu trabalho, e, por meio da integração entre teoria e prática possam analisar os impactos de sua produção na sociedade.

Para Becker, Mateus e Teixeira (2012), o processo de construção do conhecimento necessita da integração entre teoria e prática para que o estudante compreenda a complexidade de sua profissão e entenda que o jornalismo é uma forma de conhecimento. A presença e

funcionamento dos laboratórios são importantes, pois possibilitam que, por meio da pesquisa e do ensino, os estudantes possam não apenas ver mas também compreender todas as notícias e imagens veiculadas nos jornais. Dessa forma, os alunos tornam-se cidadãos e profissionais “capazes de estabelecer uma relação dinâmica com os produtos audiovisuais com os quais entram em contato, não os incorporando de forma passiva ou ingênua e relacionando conteúdos da mídia com outros textos e narrativas” (BECKER; MATEUS; TEIXEIRA, 2012, p. 103).

Segundo as autoras, os laboratórios das universidades, por meio das atividades de ensino, pesquisa e extensão propostas, podem ser importantes espaços para que os alunos aprendam a pensar e a produzir notícias de maneira crítica e criativa, compreendendo o jornalismo como forma de conhecimento e refletindo sobre as imagens e informações que visualizam. O funcionamento dos laboratórios nas universidades permite que os estudantes leiam e reflitam sobre os textos audiovisuais que consomem e assim se tornem telespectadores/cidadãos ativos, ou seja, que saibam decodificar as imagens emitidas pelos meios. Por meio do desenvolvimento da pesquisa é que os alunos são incentivados a se tornarem telespectadores/cidadãos ativos, com capacidade de ler e refletir sobre os textos audiovisuais, e não serem manipulados por qualquer notícia (BECKER; MATEUS; TEIXEIRA, 2012).

Para Frascara (*apud* BECKER; MATEUS; TEIXEIRA, 2012), “sem o espectador ativo não pode existir o cidadão ativo, não pode haver uma compreensão ativa de direitos e obrigações”.

4.2.3 Interações entre professores e alunos

Neste tópico, pretendemos observar outra característica importante dos laboratórios, como inovadores na forma de ensino, por meio da aproximação dos alunos com professores e do convívio dos estudantes.

O ensino das inovações oriundas da convergência jornalística (narrativas multimídia jornalísticas, webdocumentários) e a incorporação digital na grade curricular dos cursos são importantes, mas não irão consolidar uma mudança nas relações entre docentes e professores.

Para Machado (2007)⁶⁴, ao mesmo tempo em que é preciso que os cursos se atualizem em termos de infraestrutura (equipamentos, softwares, computadores), é também essencial a realização de pesquisas entre professores e alunos, para que se supere o paradigma da fragmentação em disciplinas isoladas. A presença de laboratórios, por meio de suas pesquisas e ensino, pode criar novas formas de interação entre o magistério e os estudantes, o que permite que os métodos pedagógicos nas universidades não sejam padronizados e restritos às salas de aula. Nos laboratórios, “cada membro da equipe, ao mesmo tempo em que contribui para execução do projeto comum, aprende a elaborar conhecimento próprio como resultado das ações interativas que mantém com os colegas e que são supervisionadas pelos professores” (MACHADO, 2007, p. 20).

Acreditamos que os laboratórios podem ser um meio para novas formas de aprendizado, que não se limitam à relação distante entre docentes e alunos, típica das salas de aula, mas que aproximem estes dois lados, o que permite maior troca de experiências e mais comunicação entre ambos. Além disso, o convívio entre os próprios alunos também é benéfico, como um espaço para troca de ideias, de experiências, de pontos de vista e o desenvolvimento do trabalho em equipe.

Inserido no campo da prática, ensino e pesquisa, o Telejornal Online da Escola de Comunicação da UFRJ, TJ UFRJ, foi constituído em 2006 como um laboratório para pensar e fazer o jornalismo audiovisual, aproximando o curso das práticas do mercado que utilizam conteúdos e formatos audiovisuais, e por isso tem uma importância na formação dos estudantes.

Nele, os alunos têm tido a oportunidade de desenvolver habilidades como filmagem, reportagem, edição, e que os tornam mais preparados para as exigências de televisões, produtoras audiovisuais, entre outros meios de conteúdo audiovisual. No projeto, participam majoritariamente estudantes das habilitações Jornalismo e Rádio & TV, mas pessoas de outros cursos da ECO-UFRJ também podem ser integradas.

Além de ser um laboratório importante para a produção, o TJ UFRJ também se consolida como um projeto relevante para a formação dos alunos pela integração da teoria com a prática, e possibilita a reflexão sobre o que é produzido. Por meio da prática e do desenvolvimento de pesquisas, os estudantes podem compreender e analisar suas próprias atividades, e assim tornam-se cidadãos, conhecedores e mediadores mais ativos dos conteúdos e formatos midiáticos.

⁶⁴ Disponível em: <http://gjol.net/wp-content/uploads/2012/12/book-ensino-jornalismo.pdf> Acesso em 17 de setembro de 2014

O TJ UFRJ hoje também se constituiu como um espaço importante para inovação no campo audiovisual, reafirmando o papel da universidade como meio importante para a criação e experimentação. Neste local, os alunos têm a liberdade de elaborarem novas formas e linguagens de conteúdos audiovisuais, tanto para o site quanto para o canal no Youtube.

Neste contexto de constante renovação, o TJ UFRJ decidiu em 2013 que produziria um webdocumentário, uma linguagem inovadora e ainda desconhecida no Brasil no campo audiovisual. Pretendemos aqui então descrever como a elaboração deste webdocumentário foi importante para os alunos que participaram desta experiência e como pode ser relevante na formação dos estudantes, mas antes precisamos contar a história e as características do TJ UFRJ.

4.3 TJ UFRJ: Um ambiente de referência

Para que possamos analisar a importância do TJ UFRJ e de seu webdocumentário *(Des)Ocupações* para os alunos, temos antes que contar a história e o desenvolvimento deste laboratório.

O TJ UFRJ foi sempre um espaço para formação de estudantes e que integrou a teoria e a prática. O projeto realiza a cobertura dos principais eventos do Campus Praia Vermelha e surgiu em 2001, como iniciativa dos alunos do curso de Jornalismo, que buscavam ter uma aproximação maior com as tecnologias digitais (BECKER; MATEUS; TEIXEIRA, 2012). Ao longo de 13 anos de trabalho, o laboratório se tornou uma importante “memória audiovisual” de trabalhos produzidos por alunos e professores da universidade (BECKER; MATEUS; TEIXEIRA, 2012).

Em 2004, o TJ UFRJ foi inserido na grade curricular pela professora Beatriz Becker, então coordenadora do curso de Jornalismo. O projeto era orientado por diferentes professores da Escola de Comunicação da UFRJ, que se revezavam semestralmente. Porém, a falta de uma orientação contínua limitou o desenvolvimento deste laboratório, que saiu do ar. Em 2006, Becker assumiu a coordenação do TJ UFRJ a pedido da direção da ECO-UFRJ. Junto com um grupo de alunos, recolocou o projeto na web (BECKER; MATEUS; TEIXEIRA, 2012). Construiu com bolsistas e estudantes do ciclo básico durante mais de seis anos um ambiente de referência no ensino do jornalismo audiovisual, por meio de distintos projetos e de atividades de pesquisa e extensão associadas aos processos de aprendizagem.

Em 2006, o site do laboratório (www.tj.ufrj.br) já disponibilizava a cobertura dos principais eventos do Campus Praia Vermelha, mas contava com um *layout* muito simples. Entre o final de 2008 e agosto de 2009, com o apoio e ajuda do Núcleo de Computação Eletrônica da UFRJ (NCE), o *layout* sofreu modificações, “que incluíram a criação de uma nova logo, a elaboração de novas categorias e a republicação de vídeos e matérias textuais” (BECKER; MATEU; TEIXEIRA, 2012, p. 107).

A alteração no *layout* e a reorganização do conteúdo permitiram que a *home* e todas as páginas do site passassem a ser distribuídas em oito seções: “página principal”, “audiovisual”, “ciências”, “ECO-pós”, “graduação–ECO”, “notícias”, “pesquisa” e “publique”, todas dispostas no lado esquerdo da página principal, onde também havia uma barra para busca. No centro, o leitor tinha acesso à tela que exibia a matéria mais recente publicada pelo telejornal, e ao lado direito estavam dispostos os links para as três matérias, de vídeo ou texto, anteriores à reportagem central (BECKER; MATEUS; TEIXEIRA, 2012).

Na parte de cima, havia o logo do projeto e três links: “TJ UFRJ”, seção que fala do projeto, “Contato”, para acessar as formas de contato com a equipe e “Links” para ter acesso a notícias e sites de instituição de dentro ou fora da UFRJ. Na parte de baixo do site, eram disponibilizados quatro links com quatro fotos cada sobre um determinado evento da ECO-UFRJ, como Cinerama, Mostra de Teatro, entre outros. Quando o leitor clicava em um desses links, era redirecionado para uma série de notícias relacionadas ao evento, como as matérias sobre cada peça da Mostra de Teatro, das sessões do Cinerama. A Figura 14 a seguir é uma representação deste *layout* reformulado entre 2008 e 2009:

Figura 14: *Layout* do antigo site do TJ UFRJ (reformulado entre 2008 e 2009)⁶⁵



Em dezembro de 2012, o projeto passou a ser coordenado pela professora Kátia Augusta Maciel e no ano seguinte o site passou por uma nova reformulação, contando, mais uma vez, com o apoio do NCE-UFRJ. O *layout* que antes tinha as cores laranja, cinza e vermelha, passou a ter uma cor predominantemente branca, e na parte de baixo, azul-escura. Os vídeos na página passaram a ser exibidos utilizando o player do Youtube, onde o TJ UFRJ tem um canal desde janeiro de 2013. Atualmente, todas as reportagens são postadas no Youtube e na página da web.

No site reformulado, a parte de cima da página principal exibe dois players com as reportagens mais recentes, e no lado direito há seis manchetes com as matérias produzidas anteriormente. Em cada uma dessas manchetes, o leitor pode clicar e será direcionado para o player referente. Também na parte superior, há a logo do TJ UFRJ e as seções que organizam o conteúdo: “início”, para voltar à página principal, e as notícias são organizadas pelas seções “pós-graduação”, “graduação” e “pesquisa”. Na parte de baixo, estão os logos dos parceiros do TJ UFRJ (Setor de Convênios e Relações Internacionais da UFRJ (SCRI), NCE, Cinerama e a Editora UFRJ), além de links de acesso para as mídias sociais e para o canal no Youtube. Próximo desses links há uma barra exibindo os mais recentes posts do Twitter, onde o TJ UFRJ tem uma conta desde outubro de 2009. Em qualquer parte do menu inicial, está

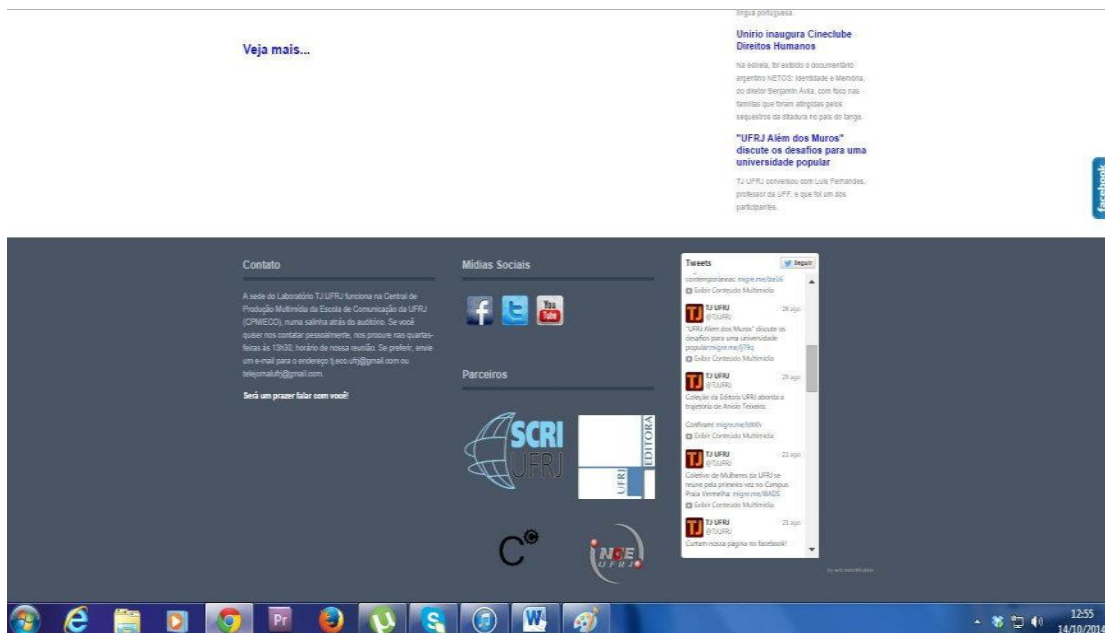
⁶⁵ Não há link disponível, o site foi reformulado

disponível uma barra do Facebook, onde o leitor pode descobrir quantas pessoas curtiram a página do projeto, criada em maio de 2012. Também na parte inferior, há um pequeno texto intitulado “Contato”, onde são exibidos os e-mails para se comunicar com o laboratório. O atual *layout* do TJ UFRJ pode ser conferido nas Figuras 15 e 16 a seguir:

Figura 15: Site reformulado do TJ UFRJ (parte de cima)⁶⁶



Figura 16: Parte de baixo do site reformulado do TJ UFRJ⁶⁷



⁶⁶ Disponível em: <http://www.tj.ufjr.br/> Acesso em 6 de outubro de 2014

⁶⁷ Disponível em: <http://www.tj.ufjr.br/> Acesso em 6 de outubro de 2014

Hoje, o laboratório continua a realizar a cobertura dos principais eventos do Campus Praia Vermelha, como palestras, seminários, debates, feiras e eleições dos cursos, entre outros, mantendo essa mesma proposta desde que foi implantado. No projeto, os alunos produzem os formatos mais comuns de cobertura utilizados nos telejornais, como os *flashs* e VTs, mas também buscam a inovação, procurando modelos de reportagens mais originais. As matérias são produzidas predominantemente em formato de *flash*⁶⁸, ou seja, quando o repórter faz uma enunciação com as principais informações da notícia e em seguida entrevista uma pessoa que tenha relação com o conteúdo apresentado.

Algumas reportagens são elaboradas no formato de VT⁶⁹, quando há a exibição de imagens junto a uma narração em off e entrevistas com pessoas relacionadas ao tema. Em alguns VTs, os repórteres podem realizar “passagens”, ou seja, aparecem para a câmera enunciando informações complementares ao assunto abordado. Além de VTs e *flashs*, alguns eventos podem ser filmados inteiramente, em um formato conhecido como “íntegra”⁷⁰, onde o espectador pode conferir do começo ao fim tudo o que aconteceu na palestra, seminário ou debate em questão.

Desde 2013, o TJ UFRJ conta com algumas séries que permitiram formatos diferentes na produção de conteúdo. A série “Curtas da ECO”⁷¹ aborda os filmes produzidos por alunos do curso, realizando entrevistas com estes diretores e exibindo algumas imagens dessas produções. Esta seção é inovadora, pois permite um formato de entrevista mais longo do que nos *flashs* ou nos VTs.

A série “TJ Quer Ouvir” reúne opiniões de alunos e professores sobre temáticas atuais, como os problemas originados pelas chuvas no Rio de Janeiro⁷², o veto à criação do partido de Marina Silva⁷³, os protestos de junho de 2013⁷⁴ e a realização dos grandes eventos esportivos no Brasil⁷⁵. “TJ Quer Ouvir” possui um modelo de entrevistas semelhante aos VTs, mas se diferencia de outras formas recorrentes por exibir diversos pontos de vista sobre um mesmo assunto.

E, também em 2013, o TJ UFRJ firmou uma parceria com a Editora UFRJ, intitulada “LivroLog”, para divulgação dos livros e coleções desta instituição. Até este momento, foram

⁶⁸ Disponível em: <http://migre.me/myA1n> Acesso em 13 de outubro de 2014

⁶⁹ Disponível em: <http://migre.me/myzS4> Acesso em 13 de outubro de 2014

⁷⁰ Não temos íntegras disponíveis no Youtube

⁷¹ Disponível em: <http://migre.me/myzJE> Acesso em 13 de outubro de 2014

⁷² Disponível em: <http://migre.me/mqwmI> Acesso em 22 de outubro de 2014

⁷³ Disponível em: <http://migre.me/mqwkG> Acesso em 22 de outubro de 2014

⁷⁴ Disponível em: <http://migre.me/mqwsJ> Acesso em 22 de outubro de 2014

⁷⁵ Disponível em: <http://migre.me/mqwut> Acesso em 22 de outubro de 2014

produzidos dois VTs, o primeiro sobre a coleção Anísio Teixeira⁷⁶ e o segundo sobre a publicação “História do Pensamento Econômico”⁷⁷ de Isaac Rubin. A parceria permitiu a criação de um formato diferente de VT, com narrações em off mais aprofundadas e acompanhadas de imagens das capas e dos personagens dos livros. Além disso, há entrevistas com pessoas que participaram da produção das obras.

Outras experimentações também foram realizadas. Em março de 2013, a matéria “Vídeo Denuncia Câmera na Mão”⁷⁸ foi feita apenas com a câmera, sem uso de repórteres ou microfones, mas utilizando-se de uma narração feita pelo próprio cinegrafista. A reportagem exibiu os problemas das paredes no Campus Praia Vermelha, que constantemente descascam e seus pedaços caem no chão.

Além de ser um espaço de inovação, o TJ UFRJ caracteriza-se também pela utilização de uma linguagem menos formal dos repórteres, comunicando-se de uma maneira mais próxima com o principal público desse projeto, que são os estudantes. Os membros do laboratório quando produzem as matérias não utilizam ternos, gravatas e calças mais sofisticadas, mas sim vestuários mais próximos do que os alunos usam: camisas sociais, calças normais ou bermudas.

Desde a coordenação da professora Beatriz Becker e agora sob a orientação da professora Kátia Augusta Maciel, o laboratório também é um espaço dedicado à pesquisa, como um importante fator na formação dos alunos. Até 2012, as pesquisas contaram com a participação de alunos membros do projeto e de outros alunos bolsistas PIBIAC da Pró-Reitoria de Ensino, a PR-1, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e também da Pró-Reitoria de Extensão, a PR-5. Por meio do desenvolvimento de pesquisas e da produção de matérias orientadas pela professora-coordenadora, os alunos aprendem a analisar os textos que incorporam a linguagem audiovisual e recursos multimídia, “podendo perceber diferentes aspectos e características narrativas de conteúdos e formatos noticiosos, compreendendo, ainda, como os sentidos destes textos são elaborados” (BECKER *apud* BECKER; MATEUS; TEIXEIRA, 2012, p. 112).

Atualmente, os estudos são desenvolvidos apenas pelos integrantes do TJ UFRJ. As pesquisas procuram contemplar assuntos contemporâneos dos meios de comunicação, como as narrativas multimídia, os webdocumentários, o midiativismo, a utilização de mídias sociais e do Youtube, entre outros.

⁷⁶ Disponível em: <http://migre.me/mqwza> Acesso em 22 de outubro de 2014

⁷⁷ Disponível em: <http://migre.me/mG696> Acesso em 22 de outubro de 2014

⁷⁸ Disponível em: <http://migre.me/mqwK3> Acesso em 22 de outubro de 2014

Os estudos desenvolvidos neste laboratório são importantes porque esses temas não reúnem ainda um acervo muito grande de produção no campo acadêmico. Temáticas como a dos webdocumentários e das narrativas multimídia são atuais, mas relativamente novas no âmbito das universidades. Por isso o trabalho do TJ UFRJ é relevante para o avanço de conhecimentos na forma de pesquisas, artigos e obras audiovisuais tanto para estudantes quanto para professores.

Por meio da pesquisa e do ensino os alunos que têm tido oportunidade de participar deste laboratório fazem uma reflexão sobre o que é produzido pela mídia, tornando assim receptores ativos do conteúdo que visualizam tanto na universidade quanto fora dela. Dessa forma, os alunos experimentam questionar e mediar informações da internet, televisão e de outros meios de comunicação, analisando impactos e efeitos dos conteúdos e formatos audiovisuais na sociedade. A oportunidade de produção e de mediação de produtos audiovisuais concede então aos alunos um papel mais ativo desde seu período de formação na universidade.

Ao mesmo tempo em que o TJ UFRJ oferece atividades de ensino e pesquisa aos estudantes, integrando teoria e prática, o projeto também é um importante ambiente de convivência e socialização. As reuniões são um importante espaço de partilha de conhecimento, onde opiniões são trocadas e os alunos aprendem mais sobre o trabalho em conjunto (BECKER; MATEUS; TEIXEIRA, 2012). A convivência com outros membros do projeto pode então ser uma ferramenta valiosa para o ensino, pois, por meio de laboratórios como o TJ UFRJ, pode-se aprender mais sobre o trabalho em grupo e também saber ouvir ideias diferentes e compartilhar conhecimentos e habilidades.

Como sou autor desta monografia, após esta contextualização, considero importante expressar minha experiência no projeto na primeira pessoa. Faço parte do TJ UFRJ desde abril de 2012, e entrei primeiramente para me aproximar e adquirir experiência na leitura crítica e no uso da linguagem da televisão, meio no qual mais tenho vontade de trabalhar no jornalismo. No começo, atuava apenas na função de repórter, mas depois passei também a participar como cinegrafista e na edição.

Por meio do TJ UFRJ, consegui ter mais conhecimento sobre como operar uma câmera e entender os planos distintos de filmagem que podem ser feitos nas notícias. E, ao mesmo tempo, também adquiri mais conhecimento em programas de edição como o *Adobe Premiere* e o *Final Cut*.

Além do aprendizado, creio que o TJ UFRJ foi um importante espaço para que eu, junto de todos os outros bolsistas com que tive contato, pudesse desenvolver novas formas de produção de matérias, que não estivessem acopladas as normas padrão dos telejornais. Como repórter, tive a liberdade de realizar em muitos momentos entrevistas mais longas do que o habitual, além de utilizar uma linguagem menos formal do que a dos telejornais. No uso da câmera, pude aprender sobre os planos de filmagem típico das reportagens, mas também sobre outros enquadramentos originais, que podem exibir o conteúdo por um ângulo diferente. O laboratório é importante por aproximar os alunos das práticas do mercado, mas também é relevante na formação dos estudantes como um espaço de criação, onde novos elementos são incorporados na produção de conteúdo audiovisual.

Durante os quase três anos que participei deste projeto, pude também descobrir e conhecer melhor, por meio das pesquisas, questões e temas contemporâneos referentes aos meios de comunicação, como as narrativas multimídia, a forma de reportagens multimídia ou de webdocumentários, e ainda entender como as mídias sociais tornaram-se ferramentas tão importantes na veiculação de notícias.

Neste período em que fiz parte da equipe do laboratório, pude ainda conhecer diferentes estudantes da ECO-UFRJ e assim compartilhar experiências e trocar opiniões. Neste sentido de convivência e integração, o TJ UFRJ foi importante na minha formação, pois aprendi, junto com todos os outros bolsistas que convivi, lições importantes de como trabalhar em grupo e saber ouvir outras ideias e pontos de vista.

A partir da pesquisa sobre novas tendências no jornalismo audiovisual desenvolvida em 2012, o TJ UFRJ iniciou um estudo sobre os webdocumentários, um formato de narrativa audiovisual ainda pouco conhecido no Brasil. Após esta pesquisa, a produção de um webdocumentário foi decidida como a principal meta do laboratório a ser desenvolvida em 2013, a qual está relacionada a uma das principais diretrizes do TJ UFRJ: ser referência como um ambiente de ensino inovador na universidade, podendo assim aproximar os alunos não só da pesquisa sobre temas e formatos originais, mas oferecer também aos estudantes a oportunidade de explorar e elaborar esses novos conteúdos e formatos audiovisuais.

5. A PRODUÇÃO DO WEBDOCUMENTÁRIO *(DES)OCUPAÇÕES* E SUA IMPORTÂNCIA PARA A FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES

Neste capítulo, analisaremos o processo de elaboração do webdocumentário *(Des)Ocupações*, produzido pelo TJ UFRJ entre janeiro de 2013 e julho de 2014. *(Des)Ocupações* aborda as ocupações políticas, desapropriações de moradores e transformações urbanísticas no Rio de Janeiro nos tempos atuais, realizando entrevistas com especialistas neste assunto e exibindo filmes que estejam relacionados com a temática.

Este webdocumentário no momento só pode ser visualizado por meio de um arquivo, nos navegadores *Google Chrome*, *Mozilla Firefox* e *Internet Explorer* sem a necessidade de uma conexão com a rede. Brevemente estará disponível na web.

Enunciaremos as etapas para a elaboração deste projeto, ressaltando a importância desta produção para os alunos que participaram de uma experiência singular de aprendizado. São abordados também os desafios de se fazer um webdocumentário em um laboratório de universidade pública.

Em seguida, exibiremos os resultados dos questionários sobre *(Des)Ocupações*. Estes questionários, como já referido, são parte de uma pesquisa anterior realizada por mim junto com outros dois membros do TJ UFRJ, Daniel Araújo Mendonça e Leandro Barreto, sob a orientação da professora Kátia Augusta Maciel e que foi apresentada no Congresso de Extensão da UFRJ 2014. Em turmas de quatro disciplinas da ECO-UFRJ, realizamos exposições do *(Des)Ocupações* e em seguida distribuímos as folhas com as perguntas. Estas perguntas objetivaram descobrir prioritariamente a reação e opinião dos alunos sobre o webdocumentário produzido pelo TJ UFRJ, mas também questionaram outros aspectos desta produção.

Nesta monografia sistematizamos apenas os resultados das perguntas relacionadas à hipótese desta pesquisa, focalizando a importância desta nova linguagem para formação dos estudantes, assumindo que este novo formato pode colaborar para a produção de informações de maior qualidade. Assim, apresentamos neste quinto capítulo os resultados da terceira e da quarta fase da segunda etapa da metodologia adotada e aplicada nesta análise empírica.

5.1 Construindo um webdocumentário

Neste tópico, comentaremos como surgiu a ideia de se produzir *(Des)Ocupações*, além das etapas, desafios, aprendizados e lições deste processo. Esta análise está relacionada com a hipótese deste trabalho, propondo uma reflexão sobre a importância dos webdocumentários na formação dos estudantes.

A ideia de produzir *(Des)Ocupações* é decorrência de uma pesquisa desenvolvida por alunos do TJ UFRJ em 2012, sobre os webdocumentários. A partir daquele estudo, decidimos em janeiro de 2013 pela elaboração de um webdocumentário feito pelo próprio laboratório, como uma meta importante para este projeto de extensão e para os alunos. Consideramos que a criação desta narrativa pelo TJ UFRJ seria um passo importante na consolidação deste laboratório e da universidade como espaço de inovação. Além disso, era um desafio para todos, pelo pouco conhecimento desta linguagem no Brasil.

(Des)Ocupações foi resultado de 18 meses de trabalho, entre janeiro de 2013 e julho de 2014, resultado do esforço de todos os alunos que integraram o TJ UFRJ durante este período. A temática das desapropriações, ocupações políticas e transformações urbanísticas no Rio de Janeiro foi escolhida por ser bastante atual naquele momento, em função dos protestos ocorridos em 2013 e das obras dos grandes eventos esportivos que o Rio de Janeiro sediou e que vai sediar.

Os assuntos desapropriações e ocupações não são similares, o primeiro se refere às desocupações forçadas de moradias na capital fluminense, onde casas foram demolidas muito pelas obras dos Jogos Olímpicos em 2016. Ocupações políticas correspondem às ocupações realizadas em diferentes espaços do Rio de Janeiro em protestos contra governos e administração pública, especialmente em 2013. No nosso entender, estas duas temáticas se relacionam pela questão do espaço, seja pela ocupação ou desocupação, e por isso o título *(Des)Ocupações*. A temática das transformações urbanas foi incluída, pois muitas intervenções no espaço do Rio de Janeiro estão ligadas à desapropriação de moradores. Não só hoje, mas também no passado, casas foram destruídas em razão de grandes obras.

A narrativa inclui entrevistas do cineasta Carlos Moreira, codiretor do curta-documentário “Casas Marcadas”⁷⁹, de 2013, que aborda a expropriação de moradias no Morro da Providência, e de três professores da UFRJ que também falaram das desocupações: dois são docentes da Faculdade Nacional de Direito (FND), Larissa Oliveira e Alex Magalhães, e a

⁷⁹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xao_4b8DJ_k Acesso em 17 de outubro de 2014

terceira oriunda da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), Luciana Andrade. Há também a entrevista de Ciro Elias, aluno da ECO-UFRJ que participou da ocupação de protesto próxima à Câmara Municipal do Rio de Janeiro em 2013.

Dois filmes na íntegra também estão disponibilizados: o próprio “Casas Marcadas” e “Porão do Brasil”⁸⁰, filme experimental dirigido por Rodrigo Curi, aluno da ECO-UFRJ, sobre a ocupação de protesto na Cinelândia em 2013. Na introdução de *(Des)Ocupações*, é exibido um trecho do longa-metragem “Copacabana Mon Amour”, de 1970, realizado por Rogério Sganzerla. O trecho foi incluído porque discute os problemas socioeconômicos brasileiros e assim se relaciona com a temática principal.

A narrativa é dividida em *Smallest Narrative Units* (SNUs), micronarrativas que guiam o espectador e permitem que este construa seu próprio sentido dentro do enredo. Como SNU de introdução, escolhemos o trecho do filme “Copacabana Mon Amour”, diretamente ligado à temática por falar das questões sociais brasileiras, como mencionado acima. Após esta exibição outras três telas aparecem abaixo representando outras unidades do webdocumentário, nas quais o público pode escolher qual deseja ver naquele momento. Durante a visualização de qualquer SNU, com exceção da unidade de encerramento, outras três serão disponibilizadas abaixo e o público pode escolher seu percurso.

Em todas as entrevistas, retiramos dois trechos, com exceção da fala do aluno Ciro, que foi mais curta e só teve um trecho. Cada pedaço de entrevista representa uma SNU, enquanto que os dois filmes na íntegra também representam uma unidade cada. Como SNU de encerramento, escolhemos uma série de fotopinturas digitais do artista Carlos Gustavo Nunes Pereira, que ilustram a evolução urbanística do Rio de Janeiro entre os séculos 17 e 21 e que são exibidas junto aos créditos do webdocumentário. As Figuras 17 e 18 a seguir são *printscreens* oriundas de *(Des)Ocupações*.

⁸⁰ Não está disponível na internet

Figura 17: Exemplo de SNU e as três unidades conectadas abaixo⁸¹

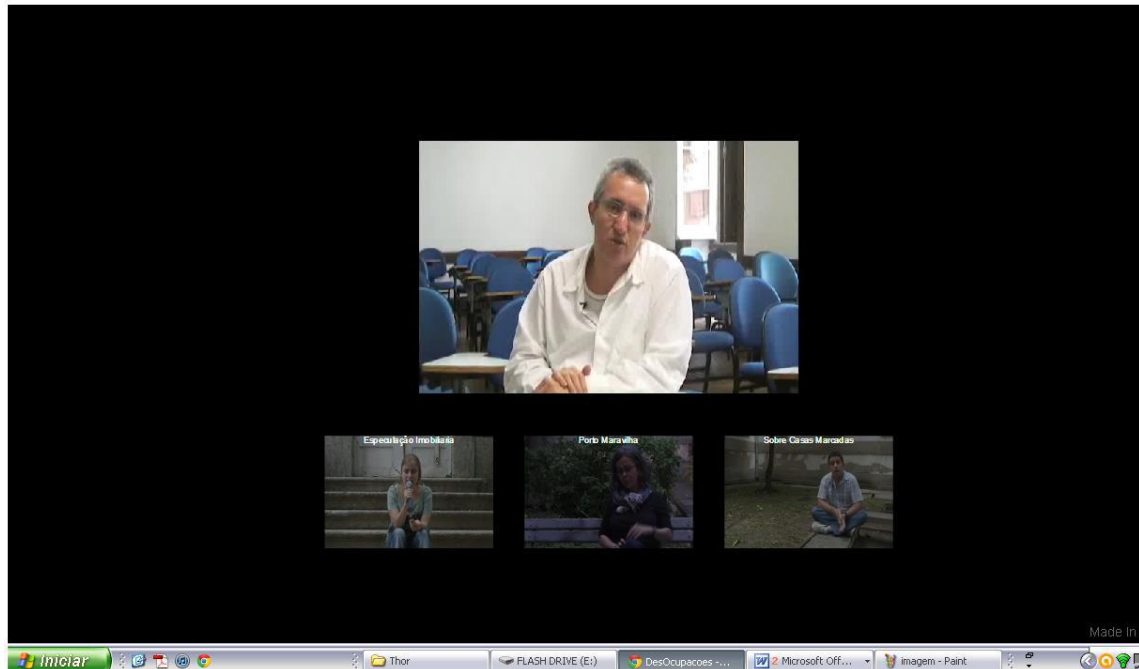
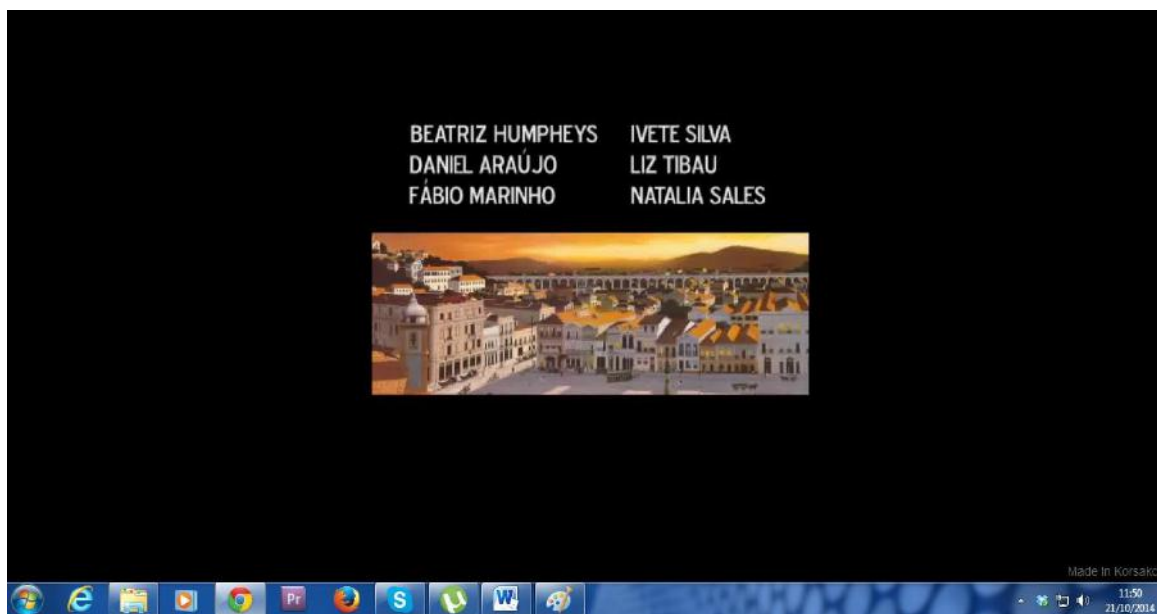


Figura 18: Créditos finais de *(Des)Ocupações* junto às fotopinturas⁸²



⁸¹ Não há link, o webdocumentário só está disponível em arquivo

⁸² Não há link, o webdocumentário só está disponível em arquivo

As entrevistas de *(Des)Ocupações* foram filmadas entre agosto e novembro de 2013. Nas filmagens com Carlos Moreira, Luciana Andrade e Alex Magalhães utilizamos a lapela, equipamento típico de documentários que permite a captação do som sem necessidade de um microfone de cabo comum nas reportagens jornalísticas. Na lapela, o microfone se localiza num receptor segurado pelo entrevistado, que pode deixá-lo em suas mãos ou colocá-lo no bolso de sua calça ou short. As filmagens com a lapela foram importantes para que os membros do TJ UFRJ, onde me incluo, pudessem manejar melhor este equipamento, que, apesar de ser utilizado frequentemente no meio audiovisual, não tem um uso muito recorrente na universidade.

No entanto, mesmo com essa experiência, não nos sentimos seguros para usar a lapela nas outras entrevistas, com Ciro Elias e Larissa Oliveira, onde então utilizamos o microfone de bastão. Nem por isso, a experiência com a lapela deixou de ser relevante, pois agora temos uma noção melhor de como usá-la em futuras produções.

O principal desafio para a elaboração deste webdocumentário foi o fator espaço, pois, por não terem seguro, os equipamentos do TJ UFRJ não podem sair do Campus Praia Vermelha. Logo, todas as nossas filmagens tiveram que ser realizadas na universidade, o que limitou um pouco a produção em termos de captação de imagens. Mesmo assim, mantivemos as características de um documentário em *(Des)Ocupações*, muito pelas entrevistas e também pelos filmes disponibilizados na íntegra.

Por meio das filmagens, os alunos puderam descobrir mais sobre os ângulos e manejo da câmera, habilidades que já são treinadas no dia a dia do TJ UFRJ e que foram mais desenvolvidas nesta produção. Das entrevistas, retiramos os trechos por meio do *Final Cut*. A série de fotopinturas que enunciava os créditos finais foi editada no *Adobe Premiere*.

Para a montagem de *(Des)Ocupações*, utilizamos o programa *Korsakow*, especializado na criação de webdocumentários. Este programa é responsável apenas pela montagem da narrativa, e todo material que for incluído já deve estar editado e pronto para exibição. A edição de *(Des)Ocupações* ocorreu entre os meses de fevereiro e junho de 2014, na Ilha de Edição da Central de Produção Multimídia da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), a CPM.

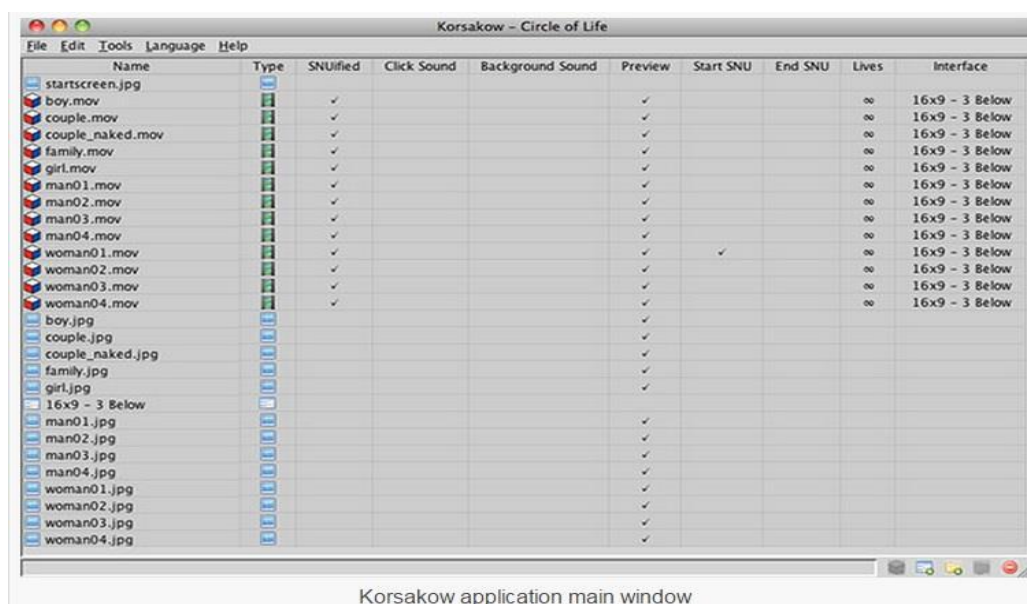
A utilização do *Korsakow* foi outro desafio para a equipe, já que este programa é pouco conhecido no Brasil. Por meio do esforço, principalmente de nossa coordenadora Kátia Maciel, conseguimos aprender mais sobre este software, que conta com poucos tutoriais na

internet. Neste processo, também contamos com a ajuda dos funcionários da ECO-UFRJ Alexandre Nascimento (Fifo) e Mauro Reis.

No *Korsakow*, temos primeiramente que importar todo o material (vídeos, filmes, fotos) para dentro do programa, em uma lista. Nesta lista, os materiais que já se tornaram SNUs tem um cubo azul, branco e vermelho ao lado. O menu de edição das SNUs contém as barras de preenchimento “IN-Keywords” e “OUT-Keywords”. A barra “IN-Keywords” define as palavras-chave desta SNU, e “OUT-Keywords”, representa as palavras às quais esta SNU vai se conectar. Se um vídeo tem as “OUT-Keywords” “dança”, “música” e “teatro”, vai se conectar com vídeos de “IN-Keywords” “dança”, “música” e “teatro”. Logo, se um vídeo tem as “OUT-Keywords” “azul”, “vermelho” e “amarelo”, seus vídeos relacionados (os três que aparecem abaixo) terão as “IN-Keywords” “azul”, “vermelho” e “amarelo”.

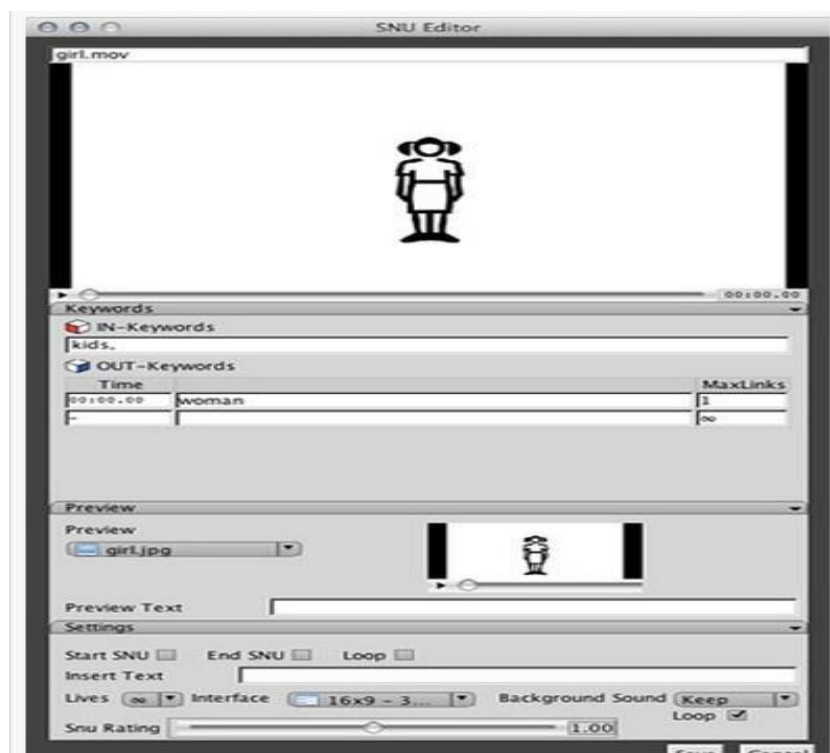
Também no menu de edição das SNUs, há o espaço “Preview Text”, onde inserimos o título da SNU, “Insert Text”, onde inserimos o texto descritivo desta unidade, a opção “Start SNU”, que se clicada define a unidade que está sendo editada como a responsável pela abertura da narrativa e “End SNU” que define a responsável pelo fechamento. Após organizar todo o webdocumentário, exportamos o projeto na opção File > Export > Draft for Web e assim concluímos o trabalho. Observe nas Figuras 19 e 20 abaixo algumas etapas de trabalho do *Korsakow*.

Figura 19: Lista de material importado do *Korsakow* (os cubos de cor azul e vermelha representam os itens que já se tornaram SNUs)⁸³



⁸³ Não há link disponível

Figura 20: Menu de edição das SNUs⁸⁴



5.2 Uma experiência singular de aprendizado

Acreditamos que, após enunciar o processo de elaboração de *(Des)Ocupações*, precisamos agora relacionar estas etapas com o desenvolvimento dos alunos, e avaliar como foram importante para o aprendizado e formação destes.

A realização de um webdocumentário foi uma experiência singular principalmente pela originalidade e inovação dessa linguagem, que ainda é pouco conhecida no Brasil. A produção de *(Des)Ocupações* foi muito importante para os membros do TJ UFRJ por atualizá-los com as novas formas de comunicação. O conhecimento de novas narrativas é um fator importante para a formação dos estudantes, não só por estarem mais cientes das transformações nos discursos midiáticos, mas também porque assim estão mais preparados para as demandas do mercado.

Ao participarem desta produção, os alunos também adquiriram maior habilidade no software *Korsakow*, pouco conhecido no Brasil, mas que, no futuro, pode se tornar uma

⁸⁴ Não há link disponível

ferramenta recorrente nas redações dos principais meios de comunicação do País. A integração dos alunos com um programa inovador e ainda pouco popular foi outro aprendizado.

O processo anterior à montagem também foi relevante. Os estudantes adquiriram melhor manejo com a câmera, e mais conhecimento sobre ângulos de filmagem, sobre como utilizar o microfone de lapela e sobre a elaboração de perguntas. Na edição dos vídeos e das fotos, aprenderam mais sobre programas como o *Adobe Premiere e Final Cut*. Todo o desenvolvimento anterior à montagem no *Korsakow* é semelhante ao processo de produção de um documentário comum, e por isso também foi um caminho relevante para que os membros do TJ UFRJ se inteirassem do processo de pesquisa, entrevistas e filmagens típicas da linguagem documental.

Não podemos negar que erros foram cometidos. As entrevistas estavam muito longas, o som não era ideal e as imagens não estavam com uma qualidade perfeita. O pouco conhecimento no uso do *Korsakow* tornou a narrativa limitada em termos visuais, o fundo era simplesmente negro, sem nenhum tipo de combinação de cores. A estética de *(Des)Ocupações* era muito simples, sem um *layout* mais complexo o que torna a produção pouco atrativa visualmente.

Erros aconteceram, mas foram importantes como aprendizado para próximas produções. A construção deste webdocumentário foi relevante também para que pudéssemos entender as falhas e não cometê-las em próximas ocasiões.

Portanto, constatamos que a produção de *(Des)Ocupações* foi um fator relevante na formação dos estudantes, muito pela inovação desta linguagem, do seu pouco conhecimento no Brasil, ao mesmo tempo em que os participantes conheceram mais sobre o uso do *Korsakow*, ainda pouco popular no País. Além disso, o processo de produção anterior à montagem também foi relevante para que todos conhecessem mais das habilidades básicas da produção audiovisual, como filmagem, uso da lapela, edição, entre outras práticas. Concluímos por essa experiência que os webdocumentários podem ser sim importantes na formação dos estudantes, e consolidaremos ainda mais nossa hipótese exibindo os resultados dos questionários distribuídos nas turmas da ECO-UFRJ após a exibição de *(Des)Ocupações*, focalizando as perguntas relacionadas ao desenvolvimento dos alunos.

5.3 A recepção dos alunos

Neste tópico, abordaremos os resultados dos questionários distribuídos em quatro disciplinas da ECO-UFRJ, após a exibição de *(Des)Ocupações* em cada uma delas. As perguntas analisavam diferentes aspectos do webdocumentário: qual foi a reação dos alunos, impressões, entre outros. Demonstraremos as questões relacionadas à hipótese deste trabalho: se esta nova linguagem pode trazer informações com mais qualidade, ou seja, mais apuradas e contextualizadas, e conseqüentemente, se é relevante na formação dos estudantes. Os resultados em gráficos destas e de outras perguntas da pesquisa podem ser encontrados no Anexo deste trabalho.

As exibições com os questionários foram realizadas nos meses de agosto e setembro de 2014, com estudantes inscritos nas disciplinas Telejornalismo I, Mídias Digitais e Técnicas de Reportagem II, da habilitação Jornalismo, e Sociologia e Estudos em Rede, da habilitação Publicidade e Propaganda. Os professores responsáveis por estas disciplinas permitiram realizar a pesquisa no horário de aula durante um tempo.

Ao todo, participaram 68 alunos, 52 eram do sexo feminino (76,4%) e 16 do masculino (23,6%). Em relação à idade, 58 têm entre 18 e 25 anos (85,3%), quatro entre 26 e 30 anos (5,7%), três entre 31 e 35 anos (4,5%) e três não responderam (4,5%). Em relação aos cursos, 54 eram da habilitação Jornalismo (79,4%), seis eram de Publicidade & Propaganda (8,8%), cinco eram do Ciclo Básico (7,3%), um era da habilitação Rádio & TV (1,5%), um de fora da ECO-UFRJ (1,5%) e um não respondeu (1,5%).

Neste trabalho, focalizamos e sistematizamos apenas as respostas dos estudantes referentes às perguntas relativas à hipótese dessa investigação, uma sobre a importância do webdocumentário para formação dos alunos e outra sobre o potencial do webdocumentário relatar acontecimentos jornalísticos e outros fenômenos culturais com maior diversidade e qualidade que outras linguagens. Sobre a formação dos estudantes, 63 alunos (92%) apontaram sim, ou seja, que a produção de webdocumentários pode ser importante no desenvolvimento acadêmico. Entre as justificativas para o sim (nem todos justificaram), 23 pessoas citaram que esta produção pode ser positiva pela inovação e pouco conhecimento desta linguagem, 13 citaram a pluralidade de vozes, sete observaram que pode tornar os alunos mais completos, um sugeriu a criação de uma disciplina ou projeto específico na ECO-UFRJ para produção de webdocumentários e 19 não apresentaram nenhuma justificativa. Nas

outras respostas desta pergunta, dois alunos (3%) disseram que não são relevantes na formação e três não responderam (4%).

A segunda pergunta solicitava a opinião dos estudantes sobre os webdocumentários como uma ferramenta que traz relatos jornalísticos com mais qualidade. Nos questionários, 38 pessoas (55,6%) indicaram que esta linguagem pode sim trazer uma informação de mais qualidade, dentre os quais 11 justificaram citando a pluralidade de vozes, sete a interatividade e 20 não justificaram. Outros 24 estudantes responderam “não necessariamente” (35,2%), um afirmou apenas que não (1,4%) e cinco não responderam (7,8%). Dos que responderam “não necessariamente”, nove argumentaram que não sabem se trará informações com mais qualidade, mas sim com originalidade, nove responderam não necessariamente com mais qualidade mas com uma pluralidade de vozes e dois observaram que dependerá do viés editorial a seguir. Ou seja, alguns não acreditam que a originalidade e pluralidade de vozes irão garantir necessariamente informações com mais qualidade. Os resultados sistematizados das respostas dos estudantes a essas duas perguntas e de outras questões elaboradas pelo laboratório TJ UFRJ estão no Anexo.

Assim, foi possível concluir que a produção dos webdocumentários, tanto pela sua inovação, processo de criação e pluralidade de vozes, pode sim ser importante na formação dos estudantes. Além disso, comprovamos que esta linguagem pode ainda permitir a construção de relatos de acontecimentos jornalísticos de maneira mais aprofundada, já que a resposta na maioria dos questionários comprovou esta hipótese.

Acreditamos que *(Des)Ocupações* deve ser um exemplo para o desenvolvimento de linguagens inventivas de comunicação, consolidando a universidade como ambiente de reflexão crítica e de inovação. Por meio da pesquisa e ensino destes novos formatos, os alunos têm a oportunidade de conhecer melhor as transformações no campo midiático, adquirem mais habilidades e buscam utilizar essas linguagens oferecendo para a sociedade informações importantes sobre a vida social.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos, primeiramente por meio da reflexão crítica apresentada nos dois primeiros capítulos, que os discursos midiáticos são todas as formas de expressão ou de comunicação entre indivíduos e grupos sociais inseridas no contexto midiático, nos veículos de comunicação tradicionais ou não. Os discursos dos meios tradicionais tendem a se manter inalterados com o passar dos anos, representando continuamente os valores hegemônicos na sociedade, não permitindo a inclusão da diversidade de vozes e atores sociais, o que não contribui para a qualidade da informação produzida, distribuída e consumida atualmente. No entanto, em determinados contextos esses mesmos discursos podem produzir sentidos que contribuem para mudanças sociais. E acreditamos que conteúdos mais contextualizados e formatos mais inventivos podem colaborar de maneira ainda mais expressiva para a qualidade da informação midiática, provocando novas reflexões e questionamentos sobre a realidade social.

Acreditamos que as narrativas multimídia jornalísticas constituem-se como um gênero híbrido dos discursos midiáticos e que permitem inovações nos modos de construção e leitura da informação, resultantes da integração de diferentes textos (vídeo, texto, som, infográficos). Essas narrativas foram desenvolvidas em função da evolução das tecnologias digitais e pelo advento da internet, assim como pelos seus usos e apropriações.

A partir desses avanços, as redações dos principais meios de comunicação passaram a estar mais integradas, produzindo em uma mesma plataforma, conteúdos de rádio, de televisão, texto, entre outros. Sites de notícias já englobam diferentes códigos como vídeos, áudios, infográficos. E nomeamos esse processo de integração de convergência jornalística, importante para o surgimento das narrativas multimídia jornalísticas e consequentemente dos webdocumentários (SALAVERRÍA & NEGREDO, 2009).

Observa-se que uma das bases para a construção dos webdocumentários são os acontecimentos jornalísticos, os quais não necessariamente causam rupturas, mas sempre enunciam novos fatos, moldando assim os valores e características da sociedade. Reportagens sobre crimes, tragédias e catástrofes são acontecimentos jornalísticos porque enunciam novidades que produzem desestabilizações, mas são organizadas de maneira consensual pelos discursos midiáticos e, especialmente, pelos discursos jornalísticos sob interesses dos poderes dominantes.

Os webdocumentários constituem-se como subgêneros das narrativas multimídia jornalísticas porque além de reunirem características que identificam essa linguagem como a multimídia, a interatividade, a hipertextualidade e a memória, também reúnem marcas próprias. Alguns webdocumentários são construídos a partir de acontecimentos jornalísticos, porém elaboram a informação de maneira mais subjetiva, com características mais autorais e menos imparciais, enquanto que as reportagens multimídia são produzidas exclusivamente com base em acontecimentos jornalísticos e buscam abordar o fato social de forma mais objetiva. Outros webdocumentários são construídos a partir de temáticas que não estão necessariamente relacionadas aos acontecimentos jornalísticos. São alguns exemplos as narrativas sobre fotógrafos do Complexo da Maré, sobre personagens de Paris ou sobre uma cidade com 13 presídios nos Estados Unidos. Por abordarem temas mais diversos, os webdocumentários possuem uma linguagem mais próxima do cinema e do documentário, com características mais autorais e menos preocupadas com a imparcialidade e a objetividade, que servem como diretrizes para os discursos jornalísticos e, conseqüentemente, para as reportagens multimídia, compreendidas como um outro subgênero das narrativas multimídia jornalísticas.

Pela inovação, pelo modo de tratar as diferentes temáticas e pela complexidade de produção e de leitura dos webdocumentários, reafirmamos, em acordo com a hipótese deste trabalho, que essas narrativas podem sim apresentar uma informação mais apurada e de maior qualidade para o público. Por essa razão, consideramos ainda que o aprendizado dessa linguagem no ensino é importante para a formação dos estudantes. O ensino desta linguagem deve ser previsto na atualização das grades curriculares dos cursos de Comunicação e de Jornalismo, por meio da criação de disciplinas que acompanhem os avanços no jornalismo digital (TONUS, 2012). Em paralelo, faz-se necessária também uma melhor infraestrutura e equipamentos adequados para as práticas laboratoriais de alunos e docentes, com uma manutenção regular desses dispositivos garantindo melhores condições de ensino e trabalho.

Sob esta perspectiva, concluímos que os laboratórios são relevantes para os cursos de Comunicação e Jornalismo como espaços importantes não apenas para a aproximação dos alunos com as práticas do mercado, mas também para reflexão. A integração entre a teoria e a prática permite que os estudantes compreendam e reflitam sobre suas próprias experiências de produção, para além dos textos da mídia, e assim possam entender melhor o mundo dentro e fora das telas (BECKER; MATEUS; TEIXEIRA; 2012). Além disso, concluímos que os laboratórios têm um papel importante como local de criação e de inovação, e que novas

linguagens podem ser sim desenvolvidas não só nos meios de comunicação como também no ambiente acadêmico.

Esta pesquisa aponta que o TJ UFRJ, laboratório da Escola de Comunicação da UFRJ, constitui-se como importante espaço para o aprendizado, pesquisa, integração teoria e prática e para inovação no ensino. A partir deste trabalho, pude avaliar melhor a minha participação de quase três anos neste projeto, como uma importante oportunidade de aprendizado da linguagem audiovisual e de recursos multimídia na produção de conteúdos e formatos informativos, reconhecendo ainda a relevância do laboratório como ambiente importante de socialização, em função da convivência com outros estudantes.

Reafirmamos também que o TJ UFRJ é um espaço de inovação, onde os alunos podem elaborar novos formatos de reportagens. Neste contexto, é que resolvemos produzir o webdocumentário *(Des)Ocupações*. A análise empírica deste webdocumentário comprovou a hipótese dessa pesquisa, destacando, por meio da observação das diferentes etapas de desenvolvimento dessa narrativa, como esse processo foi importante para a formação dos estudantes. Por meio deste processo, os estudantes se tornam mais inteirados das novas linguagens de comunicação, aprendem a lidar com ferramentas pouco conhecidas no Brasil, como o programa *Korsakow*, e ainda desenvolvem habilidades para filmagem, edição, captação de som e reportagem.

A partir da análise das respostas referentes aos questionários feitos com alunos da ECO-UFRJ (resultados no Anexo), observamos que os webdocumentários podem sim trazer uma informação de maior qualidade para o cidadão, e, por isso, o aprendizado desta linguagem é relevante na formação dos estudantes. Assim, concluímos ser importante uma regularidade na produção não só de webdocumentários, mas também de outras linguagens inovadoras na comunicação, como as narrativas multimídia, no ambiente acadêmico.

Esta monografia foi uma experiência importante para mim, primeiramente por poder realizar um estudo mais aprofundado dos novos conteúdos e formatos informativos. Creio que o conhecimento sobre essas novas linguagens, aliado a minha experiência na própria produção de *(Des)Ocupações*, são relevantes para a minha formação e, conseqüentemente, para minha inserção no mercado de trabalho, podendo buscar outros olhares na abordagem dos acontecimentos e de fatos importantes para a sociedade.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS E ARTIGOS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*, São Paulo: Martins Fontes, 4ª ed, 2006

BARBOSA, Suzana; NORMANDE, Naara; ALMEIDA, Yuri. *Produção horizontal e narrativas verticais: novos padrões para as narrativas jornalísticas*. In: 23º Encontro Nacional da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), Belém-PA, 2014.

Disponível em:

http://www.compos.org.br/biblioteca/artigo_gtjornalismo_sbarbosa_naara_yuri_2238.pdf

Acesso em 19 de setembro de 2014

BAUER, Marcelo. *Mas, afinal, o que é webdocumentário?*. Site webdocumentario.com.br, 2010. Disponível em:

<http://webdocumentario.com.br/webdocumentario/index.php/para-saber-mais/mas-afinal-o-que-e-webdocumentario/> Acesso em 2 de outubro de 2014

BECKER, Beatriz. *A linguagem do telejornal: Um Estudo da Cobertura dos 500 anos do Descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: E-papers, 2ª ed, 2005.

BECKER, Beatriz. *Convergência X Diversidade: repensando a qualidade das notícias*. In: Brazilian Journalism Research (Online), Brasília, v. 8, p. 44-63, 2012.

Disponível em: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/416/380> Acesso em 24 de setembro de 2014

BECKER, Beatriz. *Mídia e jornalismo como forma de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais*. In: Revista Matrizes, São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, v. 5, p. 231-250, 2012.

BECKER, Beatriz; BARREIRA, Ivone. *Snow Fall: uma avalanche de criatividade e de desafios para o ensino do jornalismo*. In: Revista Contracampo Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, v. 28, p. 73-94, 2013.

Disponível em: <http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/587> Acesso em 14 de setembro de 2014.

BECKER, Beatriz; MATEUS, Lara; TEIXEIRA, Juliana. *Pensando e fazendo jornalismo audiovisual*. Rio de Janeiro: E-papers. 2012.

BENETTI, Márcia. O jornalismo como acontecimento. In: BENETTI, Márcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (Org.). *Jornalismo e acontecimento*. Florianópolis: Editora Insular, p. 143-163, 2010.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Analisando o discurso*. Portal da Língua Portuguesa, São Paulo: Fundação Roberto Marinho, 2006.

Disponível em http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_1.pdf Acesso em 8 de agosto de 2014

CANAVILHAS, João Messias. *Ensino do jornalismo: o digital como oportunidade*. In: FIDALGO, Joaquim; MARINHO, Sandra (Org.). Actas do Seminário “Jornalismo: Mudanças na Profissão, Mudanças na Formação”. Portugal: Universidade do Minho (Braga): Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), p. 49-56, 2009.

Disponível em:

https://ubithesis.ubi.pt/bitstream/10400.6/717/1/ensino%20do%20jornalismo_2009.pdf

Acesso em 11 de outubro de 2014

CANAVILHAS, João Messias. *WebJornalismo: Considerações Gerais Sobre Jornalismo na Web*. Portugal: Universidade da Beira Interior, 1999. Apresentação no I Congresso Ibérico de Comunicação.

Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf> Acesso em 19 de setembro de 2014

CASTRO, Laura de Maia. *Especiais multimídia: inovação no jornalismo audiovisual*. In: Escola de Comunicação da UFRJ, 2013.

CORREIA, João Carlos; PEREIRA JUNIOR Alfredo Eurico Vizeu. *A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência*. In: PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu (Org.). *A sociedade do Telejornalismo*.. Petrópolis: 1ed, Vozes, p. 11-28, 2008.

Disponível em:

https://www.academia.edu/385852/A_construcao_do_real_no_telejornalismo_do_lugar_de_seguranca_ao_lugar_de_referencia Acesso em 15 de agosto de 2014

DELL'ISOLA, Regina L.Péret. *Gêneros Híbridos: contornos difusos*. In: Evento PG Letras 30 Anos UFPE, Recife, Vol. I (1): 66-80, 2006. Disponível em:

<http://www.pgletras.com.br/Anais-30->

[Anos/Docs/Artigos/1.%20Est%20p%C3%B3s%20doutoramento/1.6%20Regina%20L.P%C3%A9ret%20Dell%20Isola.pdf](http://www.pgletras.com.br/Anais-30-Anos/Docs/Artigos/1.%20Est%20p%C3%B3s%20doutoramento/1.6%20Regina%20L.P%C3%A9ret%20Dell%20Isola.pdf) Acesso em 15 de setembro de 2014.

DOMINGO, David *et al.* *Four Dimensions of Journalistic Convergence: A preliminary approach to current media trends at Spain*. In: 8º Simpósio Internacional de Jornalismo Online, Estados Unidos, 2007.

Disponível em: <https://online.journalism.utexas.edu/2007/papers/Domingo.pdf> Acesso em 26 de setembro de 2014

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. Disponível em:

http://minhateca.com.br/atilamunizpa/Documentos/Discurso+e+Mudan*c3*a7a+Social+-+Norman+Fairclough,3243359.pdf Acesso em 5 de setembro de 2014

GIFREU, Arnau. *The Interactive Documentary. Definition Proposal and Basic Features of the New Emerging Genre*. In: Site academia.edu.

Disponível em:

https://www.academia.edu/1491044/The_Interactive_Documentary_Definition_Proposal_and_Basic_Features_of_the_New_Emerging_Genre Acesso em 4 de outubro de 2014

MACHADO, Elias. *O Ensino de jornalismo em tempos de ciberespaço*. In: PALACIOS, Marcos; MACHADO, Elias (Org.). *O Ensino do jornalismo em redes de alta velocidade*,

metodologias e softwares. Salvador: EDUFBA, p. 11-22, 2007. Disponível em: <http://gjol.net/wp-content/uploads/2012/12/book-ensino-jornalismo.pdf> Acesso em 17 de setembro de 2014

PALACIOS, Marcos. *Jornalismo Online, Informação e Memória: Apontamentos para debate*. In: Revista PJ:BR Jornalismo Brasileiro. São Paulo. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Edição 4. 2º semestre de 2004. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm Acesso em 3 de outubro de 2014

PINTO, Milton Pinto. *Comunicação e Discurso: introdução à análise de discursos*, São Paulo: Hacker Editores, 1999.

RIBAS, Beatriz. *Contribuições para uma definição do conceito de Web Documentário*. In: Elias Machado; Marcos Palacios. (Org.). Modelos de Jornalismo Digital. Salvador: Calandra, v. 1, p. 7-231, 2003. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol> Acesso em 9 de setembro de 2014.

SALAVERRÍA Ramon; NEGREDO Samuel. *Periodismo Integrado, convergência de médios y reorganización de redaccione*. Barcelona: Editorial Sol 90, 2009.

SILVA, Denize Elena Garcia. *Estudos críticos do discurso no contexto brasileiro (por uma rede de transdisciplinaridade)*. In: Revista Eutomia, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, v. 5, p. 224-243, 2012. Disponível em http://www.revistaeutomia.com.br/v2/wp-content/uploads/2012/08/Estudos-cr%C3%ADticos-do-discurso-no-contexto-brasileiro_p.224-243.pdf Acesso em 8 de agosto de 2014

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009

SPINELLI, Egle Müller. *Webdocumentário: implicações dos recursos tecnológicos digitais na composição estrutural e narrativa do formato*. In: Revista Comunicação Midiática, São Paulo, v. 8, n. 2, pp. 169-183, mai-ago 2013. Disponível em: <http://www.mundodigital.unesp.br/revista/index.php/comunicacaomidiatica/article/viewFile/372/210> Acesso em 2 de outubro de 2014.

TILIO, Rogério. *Discurso e linguagem: uma perspectiva social*. In: Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. Rio de Janeiro: v.7, n.25, p. 99-123, 2008. Disponível em <http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/13/20> Acesso em 3 de setembro de 2014

TONUS, Mirna. *Lacunas tecnológicas em tempos cibernéticos: entre a formação jornalística e o exercício*. In: Revista Online Estudos em jornalismo e mídia. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, v.9, nº 1, Jan-Jun de 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2012v9n1p49/22285> Acesso em 6 de outubro de 2014

REPORTAGENS MULTIMÍDIA/WEBDOCUMENTÁRIOS/REPORTAGENS

25 años sin Muro - Disponível em:

http://www.elmundo.es/especiales/2009/11/internacional/muro_de_berlin/index.html Acesso em 17 de novembro de 2014

Brèves de Trottoirs - Disponível em:

<http://paris-ile-de-france.france3.fr/brevesdetrottoirs/index.php/en/#/intro> Acesso em 5 de outubro de 2014

Ditadura Militar - Disponível em: <http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2014/03/23/o-golpe-e-a-ditadura-militar/> Acesso em 19 de setembro de 2014

Filhos do Vento - Disponível em: <http://www.publico.pt/filhos-do-vento> Acesso em 31 de outubro de 2014

NSA Files: Decoded - Disponível em:

<http://www.theguardian.com/world/interactive/2013/nov/01/snowden-nsa-files-surveillance-revelations-decoded#section/1> Acesso em 17 de setembro de 2014

Prison Valley - Disponível em: <http://prisonvalley.arte.tv/?lang=en> Acesso em 18 de setembro de 2014

Profissão Repórter - Bope - Disponível em: <http://globotv.globo.com/rede-globo/profissao-reporter/v/bope-parte-1/1397390/> Acesso em 25 de setembro de 2014

Rio de Janeiro – Autorretrato -

Disponível em: <http://www.riodejaneiroautorretrato.com.br/riodejaneiroautorretrato/dev2011/> Acesso em 23 de setembro de 2014

Snow Fall - Disponível em: <http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/#/?part=tunnel-creek> Acesso em 17 de setembro de 2014

Terremoto no Japão - Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/1-ano-terremoto-no-japao/> Acesso em 18 de setembro de 2014

WEBSITES

20 minutos - Disponível em: <http://www.20minutos.es/> Acesso em 26 de setembro de 2014

Agência Catalã de Notícias - Disponível em: <http://www.acn.cat/acn/home.html> Acesso em 24 de setembro de 2014

Clarín - Disponível em: <http://www.clarin.com/> Acesso em 19 de setembro de 2014

El Mundo - Disponível em: <http://www.elmundo.es> Acesso em 19 de setembro de 2014

Estado de S.Paulo - Disponível em: <http://www.estadao.com.br/> Acesso em 25 de setembro de 2014

Folha de S.Paulo - Disponível em: <http://www.folha.uol.com.br/> Acesso em 19 de setembro de 2014

G1 - Disponível em www.g1.globo.com Acesso em 24 de setembro de 2014

Globoesporte.com - Disponível em: www.globoesporte.com Acesso em 23 de setembro de 2014

Globonews - Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/index.html> Acesso em 23 de setembro de 2014

New York Times - Disponível em: <http://www.nytimes.com/> Acesso em 18 de setembro de 2014

Parceiro do RJ - Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/parceiro-rj/index.html> Acesso em 24 de setembro de 2014

Público - Disponível em: <http://www.publico.pt/> Acesso em 31 de outubro de 2014

R7 - Disponível em: <http://www.r7.com/> Acesso em 25 de setembro de 2014

Rádio Eldorado - Disponível em: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/aovivo/> Acesso em 26 de setembro de 2014

Rádio Estadão - Disponível em: <http://radio.estadao.com.br/player/> Acesso em 26 de setembro de 2014

Rádio Globo - Disponível em: <http://radioglobo.globoradio.globo.com/home/HOME.htm> Acesso em 23 de setembro de 2014

The Guardian - Disponível em: <http://www.theguardian.com/uk> Acesso em 21 de setembro de 2014

TJ UFRJ - Disponível em: <http://www.tj.ufrj.br/> Acesso em 6 de outubro de 2014

UOL - Disponível em: <http://www.uol.com.br/> Acesso em 18 de setembro de 2014

Webdocumentário - Disponível em: www.webdocumentario.com.br Acesso em 23 de setembro de 2014

Você no G1 - Disponível em: <http://g1.globo.com/vc-no-g1/index.html> Acesso em 24 de setembro de 2014

8. ANEXOS

Resultados da pesquisa sobre a recepção dos alunos da ECO-UFRJ com o webdocumentário *(Des)Ocupações*. Total de 68 alunos participantes.

